



UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE LETRAS
CURSO DE LICENCIATURA EM LETRAS – LÍNGUA PORTUGUESA

JOSEFA ADAILMA SOARES LEITE

CONCEIÇÃO: UMA MULHER À FRENTE DO SEU TEMPO EM *O QUINZE*
(RACHEL DE QUEIROZ)

CAJAZEIRAS - PB

2017

JOSEFA ADAILMA SOARES LEITE

**CONCEIÇÃO: UMA MULHER À FRENTE DO SEU TEMPO EM *O QUINZE*
(RACHEL DE QUEIROZ)**

**Monografia apresentada ao Curso de Letras –
Língua Portuguesa, da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de Professores
da Universidade Federal de Campina Grande.**

**Orientadora: Prof.^a Ms.^a Maria de Lourdes
Dionizio Santos**

CAJAZEIRAS - PB

2017

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Josivan Coêlho dos Santos Vasconcelos - Bibliotecário CRB/15-764
Cajazeiras - Paraíba

L533c Leite, Josefa Adailma Soares.
Conceição: uma mulher a frente do seu tempo em *O quinze* (Rachel de Queiroz) / Josefa Adailma Soares Leite. - Cajazeiras, 2017.
56f. 55 p.
Bibliografia.

Orientadora: Profa. Ma. Maria de Lourdes Dionizio Santos.
Monografia (Licenciatura em Letras - Língua Portuguesa) UFCG/CFP, 2017.

1. Literatura brasileira. 2. Romance brasileiro. 3. *O quinze*. 4. Raquel de Queiroz. 5. Literatura - personagens femininos. 6. Conceição. I. Santos, Maria de Lourdes Dionízio Santos. II. Universidade Federal de Campina Grande. III. Centro de Formação de Professores. IV. Título.

UFCG/CFP/BS

CDU - 821.134.3(81)

JOSEFA ADAILMA SOARES LEITE

CONCEIÇÃO: UMA MULHER À FRENTE DO SEU TEMPO EM *O QUINZE*
(RACHEL DE QUEIROZ)

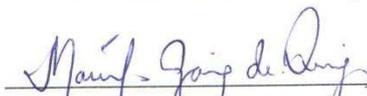
Monografia apresentada ao Curso de
Letras – Licenciatura em Língua
Portuguesa da Unidade Acadêmica de
Letras do Centro de Formação de
Professores da Universidade Federal
de Campina Grande.

Aprovado em: 11 / 09 / 2017

BANCA EXAMINADORA


Prof.ª Me. Mª de Lourdes Dionizio Santos (Orientadora)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)


Prof. Dr. Elri Bandeira de Sousa (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)


Prof. Dr. Marciel Garcia de Queiroga (Membro)
Universidade Federal de Campina Grande (UFCG)

**À minha Mãe, Rosa Soares de Sousa,
mulher guerreira e humilde, que, na sua
simplicidade e humildade, não desistiu,
persistindo até o último momento, dando-
me a oportunidade de alcançar voos quase
que impossíveis.**

AGRADECIMENTOS

Neste momento tão importante para minha carreira profissional, gostaria de mencionar meus sinceros agradecimentos a Deus, por iluminar meu caminho, revelando que independente das dificuldades ultrapassadas, eu jamais perdesse a fé e a perseverança de ser um ser humano melhor e repleto de sonhos.

Como também estendo meu eterno e aprazível agradecimento a duas pessoas que fizeram com que esse sonho se concretizasse: Ao meu tesouro de valor incalculável, Minha mãe, Rosa Soares Leite, pois sem ela jamais seria capaz de levantar voos tão altos e a minha querida orientadora e amiga, que a Graduação me apresentou, Prof.^a Ms.^a Maria de Lourdes Dionizio Santos, a quem agradeço toda a paciência, o carinho e atenção para comigo durante todos esses anos de conhecimentos compartilhados e principalmente pelos momentos de orientação e leituras sugeridas.

Ao meu esposo, Rogério Lima Martins, pela paciência e apoio nos momentos difíceis e aos amigos da academia, os quais estiveram presentes nos bons e maus momentos, assim como nos momentos de tensão, na hora das provas e seminários;

Enfim, jamais poderia esquecer os grandes mestres da Graduação, a quem agradeço cada ensinamento que serviu como base para o meu crescimento pessoal e profissional.

A todos que fizeram parte desse ciclo de amizades, carinho e conhecimento...

Muito obrigada!

“Seria sempre estéril, inútil, só... Seu coração não alimentaria outra vida, sua alma não se prolongaria noutra pequenina alma... Mulher sem filhos, elo partido na cadeia da imortalidade...

Ai dos sós...”

(Rachel de Queiroz)

RESUMO

Ao estudar a literatura brasileira, nos deparamos com obras de autores consagrados que retratam fatos relacionados à nossa realidade. Ainda que essas obras tenham sido escritas em séculos anteriores, percebemos que existe nelas uma representação do real, próxima do que vivenciamos nos dias atuais. Dessa forma, ao mencionar os problemas sociais, a vida do sertanejo e a busca incessante pela liberdade de expressão, é imprescindível lembrar *O quinze*, romance de estreia da autora Rachel de Queiroz. Nesta obra, além dos temas recorrentes sobre a seca, perpassam as questões pertinentes ao social e à política. Entretanto, outro tema instigante sobressai na narrativa, quando nos deparamos com a construção da personagem protagonista, e sua atitude transgressora aos padrões dominantes, que ganha relevo tanto por sua coragem de contestar regras impostas à mulher, como também a reclusão dos seus direitos, razão que nos faz refletir e buscar respostas às problemáticas suscitadas por essa obra. O estudo que apresentamos aqui é uma análise da personagem Conceição do romance e autora acima mencionados. Trata-se de uma personagem com o perfil de mulher jovem, professora, que busca e conquista espaço numa sociedade que determina a condição feminina da época. Para desenvolvermos este estudo, com foco na análise nessa personagem, consideramos a sua autonomia enquanto protagonista do referido romance, que lhe propicia o poder de decisão, no período em que a mulher ainda não tinha espaço para expressar seu pensamento nem exercer a liberdade de escolha de sua própria vida. Para fundamentar nossa discussão a respeito desse estudo, nos embasamos nos conhecimentos dos seguintes autores: Almeida (1999), Barbosa (1999), Bosi (2006), Candido (2010), Castello (2004), Coelho (1989/1993), Coutinho (2004), Lucas (1987), Hollanda (2005), Moisés (2007), Pinto (1990), Queiroz (2004), entre outros que serviram de suporte para analisarmos e desenvolvermos nosso trabalho neste campo de estudo.

Palavras-chave: Literatura brasileira. *O quinze*. Rachel de Queiroz. Conceição.

ABSTRACT

In study of Brazilian literature, we face with works written by established writers who them depict facts about the reality. Although those works have been written in past centuries, it was realized that there is a representation of real context in them, and it is near to the human experience in nowadays. Then, by mentioning the social problems, the country man life and the constant search for the freedom of expression, it is indispensable to remember *The fifteen*, the debut novel by the writer Raquel de Queiroz. In that work, in addition to the recurring themes about the drought, it shows the relevant questions about social and political context. However, the main character development is another instigating theme excel itself in the narrative, in addition its transgressing actions to the dominant patterns which are emphasized as for its courage to contest the rules that are imposed to the woman as the confinement of its rights, a reason that makes us think and search the answers to the problems caused by the novel. The study observed in this research is an analysis about Conceição, the character of the novel by the mentioned writer above. She has the profile of young woman, a teacher who searches and gains space in a society that determines the feminist position in that time. For the production of this study in focus on that character, her autonomy while protagonist from referred novel that propitiates herself the decision power was considered as the focus of analysis, period that the woman has not yet opportunity to express her thought nor to exercise the freedom of choice about her own life. In support to our discussion concerning to the study, it was used the following authors: Almeida (1999), Barbosa (1999), Bosi (2006), Candido (2010), Castello (2004), Coelho (1989/1993), Coutinho (2004), Lucas (1987), Hollanda (2005), Moises (2007), Pinto (1990), Queiroz (2004), among others which were the basis for analysis and development of our work in that field of study.

Keywords: Brazilian literature. *O quinze*. Raquel de Queiroz. Conceição

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	10
1 A GERAÇÃO DE 30	14
1.1 RACHEL DE QUEIROZ SOB O PRISMA DA CRÍTICA.....	18
1.2 <i>O QUINZE</i> : ROMANCE DE ESTREIA DE RACHEL DE QUEIROZ.....	22
1.3 CONTRIBUIÇÕES DO ROMANCE <i>O QUINZE</i> PARA A PROSA REGIONALISTA NORDESTINA	30
2 CONQUISTAS E DESAFIOS ENFRENTADOS PELA MULHER NA DÉCADA DE 1930	33
2.1 CONCEIÇÃO: CONSTRUÇÃO DA HEROÍNA AUTÔNOMA EM <i>O QUINZE</i>	35
2.2 CONCEIÇÃO: REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER DA DÉCADA DE 1930	37
2.3 CONCEIÇÃO E SUA BUSCA PELA EMANCIPAÇÃO.....	40
3 TRAÇOS CARACTERÍSTICOS ENTRE A MULHER ATUAL E A PERSONAGEM CONCEIÇÃO	48
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	52
REFERÊNCIAS	53

INTRODUÇÃO

A literatura brasileira, a partir da década de 1930, se apresenta com um crescimento significativo, principalmente no plano da ficção narrativa. A época intitulada de “Romance de 30” apresentou contribuições tanto temáticas quanto estruturais sobre a seca, o cangaço, o fanatismo religioso, entre outros. Embora o Brasil apresentasse em seu contexto problemas de várias naturezas, econômicos e sociais, entre outros, confirma-se que esta não era uma realidade restrita ao Nordeste. Entretanto, nesta Região, os romancistas buscaram inovações, principalmente na aproximação de uma linguagem literária semelhante à fala brasileira, bem como a incorporação de neologismos e regionalismos, como afirmou Pedro Paulo Montenegro (1983, p.13-18), na introdução do livro *O Romance de 30 no Nordeste*.

Dessa maneira, diversos autores contribuíram com a ficção nordestina; dentre os escritores desta época, que traduzem o espírito literário do Romance de 30, podemos citar: José Américo de Almeida, com o romance *A Bagaceira*, José Lins do Rego, com *Menino de Engenho*, ambos escritores paraibanos, além de Rachel de Queiroz, com o romance *O quinze*, no Ceará, Jorge Amado, com *O país de carnaval*, na Bahia, e Graciliano Ramos, com seus romances *Caetés*, *Vidas secas*, do estado de Alagoas.

O quinze, romance de estreia de Rachel de Queiroz, ganhou notoriedade na literatura regionalista desde sua publicação, em 1930, no estado do Ceará. Marcado por uma linguagem simples, objetiva e regionalista, a obra contém em sua estrutura originalidade e apresenta uma realidade social típica da maioria dos sertanejos. A narrativa deste livro, além de retratar o drama da seca de 1915, período que afligia a vida do povo no sertão Cearense, perceptível na obra através da saga de Chico Bento e família, possui temas paralelos a este, como por exemplo, a história de amor entre Conceição e Vicente. E outra novidade para a época: era um livro escrito por uma mulher, sobre uma mulher com intensas preocupações sociais e autonomia no pensar e agir por si.

Construindo personagens livres, capazes de responder e interagir com as turbulências ocorridas na conjuntura política da década de 30, Rachel, em sua obra, dá vida à personagem Conceição, a qual será nosso foco de análise, tendo em vista tratar-se de uma mulher jovem, professora e que busca espaço numa sociedade que impõe limites à mulher de sua época, quando esta tinha como papel social as atividades inerentes ao lar, como cuidar da casa e da

construção familiar. Entretanto, notamos na personagem Conceição, protagonista de *O quinze*, uma recusa e distanciamento do modo de vida proposto pela sociedade patriarcal.

No decorrer deste estudo, percebe-se que ocorre uma busca incessante da mulher em ocupar seu espaço na sociedade, principalmente na literatura. Isto se confirma no decurso da narrativa, quando a personagem revela suas escolhas e procura alcançar seus próprios ideais, a exemplo de Conceição, no romance queirozeano, que, embora estivesse em meio a uma luta constante, num lento processo de conscientização dos seus direitos, busca tornar visível a capacidade de vencer os desafios que a mulher encontra numa sociedade marcada pelo discurso machista.

Desse modo, Conceição, a heroína do referido romance de Rachel de Queiroz, é uma personagem autônoma que se vê na obrigação de escolher seu próprio caminho, e que, quando chega à idade adulta, se destaca como mulher moderna, que vive na capital, embora anualmente se desloque à zona rural. Em suas ações, ela não hesita em procurar melhorias, tanto em seu trabalho de professora, como de voluntária no campo de concentração. Está sempre à procura de novos conhecimentos, busca em meio a várias leituras, uma nova visão de mundo, através da quebra de paradigmas, e procura exercer a liberdade feminina, direcionando seu foco nos problemas sociais da época.

Nossa pesquisa foi desenvolvida com base no estudo de personagem, tendo como referência a protagonista do romance, Conceição, observando sua ação desde a participação social nas lutas por melhores condições de vida, em meio a um período de seca prolongada no sertão, à sua busca por autonomia, enquanto sujeito. Na obra *O quinze*, de Rachel de Queiroz, podemos delinear uma relação entre autora e protagonista, ambas apresentando traços característicos de mulher intelectual, e que, em meio às suas leituras realizadas, demonstram fortes influências do ambiente em que estão inseridas, bem como dos problemas sociais ressaltados na época.

Através dessas considerações, o presente trabalho tem como objetivo discutir a representação social da mulher, ressaltada nas experiências vivenciadas pela personagem Conceição, bem como sua postura diante das dificuldades e exigências impostas pela sociedade daquela época, como construção familiar, instrução de leituras apenas por ordem sacerdotal, entre outros fatores presentes na narrativa. Em seguida, abordaremos a personagem Conceição, imersa em seus desafios e sua busca pela emancipação.

É importante destacar que o interesse em pesquisar o tema em discussão, surgiu durante as aulas referentes à disciplina de Literatura Brasileira IV. E a escolha do romance

justifica-se, também, porque *O quinze* é uma obra regionalista e significativa para a literatura brasileira, visto que, além de ser um livro escrito por uma mulher, em uma época em que a liberdade de expressão de autoria feminina ainda era vetada, ele apresenta traços característicos da realidade política, social, econômica e cultural de uma região, sobretudo quando se refere à seca no Nordeste.

O desenvolvimento deste trabalho consta de pesquisas bibliográficas realizada através de livros, revistas, teses e dissertações acessadas em rede virtual, que auxiliaram e fundamentaram as leituras para discorrer sobre o tema abordado. Aqui, temos como finalidade aproximar o leitor das obras e escritos de e sobre Rachel de Queiroz, mais especificadamente da obra *O quinze*. Para atingirmos nosso propósito, revisitamos autores e suas respectivas produções, tais como: Almeida (1999), Barbosa (1999), Bosi (2006), Candido (1989/2009/2010), Castello (2004), Coelho (1993), Coutinho (2010), Hollanda (1994/2005), Moisés (2007), Lucas (1987), Sodré (1999), Pinto (1990), entre outros, os quais serviram como base para realização deste trabalho, no sentido de contribuir com a disseminação da literatura brasileira.

Em termos estruturais, nosso trabalho contém três capítulos, e encontra-se organizado da seguinte maneira: no primeiro capítulo, abordamos uma discussão em torno do romance de 1930, apresentando o romance regionalista, com algumas das características e produções literárias que se destacaram naquele período, atentando-nos para o foco primordial de nossa pesquisa, *O quinze*. Em seguida, realizamos uma leitura em torno da escritora Rachel de Queiroz sob o olhar da crítica, através do seu romance de estreia, ocasionando inclusive surpresa e dúvidas em relação à autoria feminina. Em outro tópico do nosso estudo, apresentamos a referida obra, através de um breve resumo sobre a estrutura do enredo e ressaltando pontos relevantes sobre a personagem Conceição, protagonista do romance queirozeano, nosso objeto de pesquisa.

O segundo capítulo fala sobre o poder de conquista e inserção das mulheres no mercado profissional, apresentando os desafios enfrentados pela mulher na década de 1930, no Brasil, principalmente quando se destina à atividade de escritora. Aqui, destacamos também a representação social da mulher na década de 1930, a partir de um olhar sobre as ações e atividades exercidas pela personagem Conceição, protagonista do romance, como por exemplo, a construção da heroína autônoma e sua busca pela emancipação.

E, por fim, no terceiro e último capítulo, apresentamos os traços característicos entre a mulher atual e a personagem Conceição. Vale ressaltar que, embora a protagonista do

romance seja a representação de mulher da época de 1915, é importante descrever os desafios e as conquistas alcançadas pela mulher durante longas décadas, para que possamos entender como ocorreu o processo de emancipação da mulher nas diversas áreas.

1 A GERAÇÃO DE 30

O Modernismo no Brasil inicia-se com A Semana de Arte Moderna, em 1922, e constitui-se como um novo ideário estético, e fixa uma série de revistas que se difundiram pelo resto do país.

Em 1928, surgiram duas obras em prosa, *A bagaceira*, de José Américo de Almeida e *Macunaíma*, de Mário de Andrade, as quais marcaram o início da segunda fase do Modernismo, que se prolongou até 1945. Essa é uma etapa áurea da ficção modernista, marcada pela construção de uma estrutura literária coerente com o espírito reformador, dando origem à ficção nordestina e regional, conforme ressalta Afrânio Coutinho:

O experimentalismo da primeira fase dá lugar, na segunda, ao florescimento de um extraordinário surto novelístico, nas duas direções tradicionais na ficção brasileira: a regionalista e a psicológica e de costumes, ambas marcadas por um cunho de brasilidade e de intensificação da marca brasileira na literatura. (COUTINHO, 2004, p. 275).

Nesta perspectiva, entre 1930 e 1935, o Brasil se preparava para adentrar a uma nova história. Era a primeira vez que ocorria um intenso movimento nacional. Nosso país acabava de conhecer um novo modelo de liberdade, embora fosse por um curto período de tempo, uma vez que o mesmo atravessava uma fase conflituosa, na qual os riscos institucionais eram elevados, a exemplo do cenário político que sofreu intensas modificações, refletindo na instabilidade do país, e provocaram frequentes manifestações de violência e rebelião militar.

Porém, em meio a diversas lutas, sedimenta-se o Movimento Modernista no Brasil. Neste contexto, através de um olhar renovador, escritores brasileiros buscaram incorporar, na literatura nacional, novas tendências e estruturas que refletissem a produção da cultura local, baseada nos motivos e vivências populares, sem influências estrangeiras. Ou seja, os escritores se empenharam na construção de uma literatura autêntica, a chamada “era do romance brasileiro”, voltada para uma visão crítica das relações sociais, embora soubessem que estavam a mercê da crítica literária.

Desse modo, o crítico poderia emitir suas impressões de leitura dos livros, a partir do que lhe era enviado, e suas críticas eram expostas em rodapés de jornais.

Dentre os críticos mais famosos da época, por sua contribuição, destacamos, entre outros: Alceu Amoroso Lima, cujo pseudônimo era Tristão de Ataíde, e Agrippino Grieco.

Com início na segunda fase do Modernismo, o romance de 30, ou neorrealismo, correspondia ao conjunto de obras ficcionais da literatura brasileira, que continha inspiração realista, assim como abordavam aspectos sociais referentes a determinadas regiões do país, principalmente o sertão nordestino. Conforme afirma Antonio Candido:

Os anos de 1930 e 1940 se caracterizam pela aceitação crescente de obras e do espírito modernista, que passam a fazer parte da cultura e a dar cada vez mais o tom. Ao seu lado, agem outras tendências renovadoras, como o regionalismo crítico no nordeste, que, sem derivar do modernismo, lucrou com a sua luta pela liberdade de expressão e teve o campo livre para se difundir. (CANDIDO, 2004, p. 100).

Com o advento do Modernismo, criou-se, entre os escritores, um espírito de renovação estética, os quais se ocuparam em escrever sobre as problemáticas urbanas e rurais. Neste sentido, Massaud Moisés (2001, p. 138) observa que “as secas constituem, juntamente com o cangaço e o misticismo, motivo inspirador de um dos ciclos ficcionais que atravessam a prosa desse período”.

Nessa perspectiva, o romance nordestino, ou regionalista moderno, se expandiu por diversas áreas do País, abordando desde a miséria e subdesenvolvimento da região, ao índice de migração do seu povo para outros estados e regiões, em busca de sobrevivência. Isto fica patente, quando, ao acompanharmos a produção literária de 1930, encontramos essa realidade representada em *O quinze*, de Rachel de Queiroz, nosso objeto de estudo, neste trabalho. Além dessa obra, encontraremos a abordagem dessa discussão, entre outras, no romance *Luzia-Homem*, no qual, por exemplo, Domingos Olímpio apresenta a saga do nordestino que sofre as consequências da seca, denunciando o problema coletivo de retirantes que vivem uma migração interna em busca da sobrevivência.

Em *O quinze*, obra de interesse desta pesquisa, Rachel evidencia e denuncia a realidade e as adversidades enfrentadas pelo sertanejo, devido à situação da seca, apesar deste não ser o nosso único grande problema mas, um deles. Assim, o livro supracitado possui um enredo que narra os dramas sociais vivenciados por figuras humanas, acarretando o êxodo rural, através da triste partida de Chico Bento e sua família, em busca de melhores condições de vida. A obra apresenta outro tema instigante, ao ressaltar para a época, a figura de uma protagonista, que no romance recebe o nome de Conceição, posta numa perspectiva incomum, a jovem apresenta traços característicos de um modelo de mulher diferenciado daquele estabelecido pela sociedade de então.

A personagem Conceição, apresentada no romance, embora fosse jovem, desempenhava como atividade profissional, o professorado. Também desenvolvia trabalhos voluntários para ajudar aos refugiados da seca e, por ser leitora assídua de romances e leituras socialistas, exercitava sua personalidade de mulher independente. Além disso, é perceptível, no romance, que Conceição dedicava um imenso apreço ao seu primo, o vaqueiro Vicente, que dedicava sua vida aos trabalhos da fazenda, da família e ao cuidado com gado.

Conforme observa Coutinho (2004, p. 276), autor e obra supramencionados, a segunda fase do Modernismo, “[...] compreende os modernos ‘ciclos’ da ficção no Brasil, são os ciclos da seca, do cangaço, do cacau, da cana de açúcar, do café, do sertão entre outros”. Podemos citar, dentre os escritores que se destacaram nesse período, José Américo de Almeida, Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos, Jorge Amado, José Lins do Rego, Amando Fontes, entre outros que procuraram abordar, em seus romances, temas como a miséria, as desigualdades social e econômica, além das aflições e dores humanas, alcançando, em suas obras, uma representatividade excepcional na literatura brasileira.

Neste período, desde a publicação de *A Bagaceira*, de José Américo de Almeida, o grupo de romancistas de 1930 trouxe contribuições relevantes, inferindo sobre os problemas sociais nordestinos, como a seca e a fuga dos retirantes. Convém lembrar que o romance de 30 teve início com a obra acima mencionada, publicada em 1928, e seguiu passando por *Seara Vermelha* (1946), de Jorge Amado, inserindo-se na terceira fase do Modernismo e na segunda fase do Regionalismo brasileiros. Dessa maneira, conforme pondera Fábio Lucas (1987, p. 47),

Toda uma plêiade de escritores poderia ser lembrada, a partir de José Américo de Almeida, um marco. Surgia uma corrente literária; tornou-se moda dramatizar as relações de classe no Brasil; iniciava-se em âmbito nacional o pendor para o romance de reforma social.

Assim, a fase de transição para o Modernismo ocorreu através da mistura de culturas, tais como o espaço (campo e a cidade, a indústria e a agricultura), os personagens e suas representações. Aqui, ressaltamos que, *A Bagaceira*, em seu pioneirismo, foi uma das obras que permitiu criar uma independência própria, um romance de reivindicação social, no qual a personagem busca, em meio à natureza, transformar o velho engenho, dependente do trabalho escravo, numa exploração agrícola moderna. A propósito, Fraga remete a Castelo para afirmar que

[...] quase todo o romance de 30 manifesta o interesse em compreender e focalizar os nossos problemas sociais, bem como o de estudar a realidade brasileira. José Américo apresenta traço marcante da vida econômica, social e da paisagem do Nordeste [...]. (CASTELO *apud* FRAGA, 2011, p. 3).

A região nordestina, se destacou no cenário de ficção dos romances realistas. Desse modo, Coutinho (2004, p. 278) argumenta que: “A fórmula era buscar no ambiente social, cultural e geográfico os elementos temáticos, os tipos de problemas, os episódios, que seriam transformados em matéria de ficção”.

Os escritores dos romances de 30, além de abordarem os problemas sociais, políticos e culturais em suas obras, alguns deles se engajaram na política, conforme explica Coutinho (2004, p. 278) “[...] não foi difícil, num momento de intensa propaganda de reforma social e, mesmo de revolução, como a década de 30, que os livros do grupo constituíssem uma literatura *engagée*, de participação política”. Muitas de suas obras tornaram-se instrumento para denunciar as mazelas advindas do descaso do poder público com trabalhadores das classes menos favorecidas.

Entre os escritores que se voltam para a denúncia dos problemas político-sociais de seus Estados, podemos citar: José Américo de Almeida e José Lins do Rego, na Paraíba; Graciliano Ramos, em Alagoas; Rachel de Queiroz, no Ceará; Jorge Amado, na Bahia; e Amando Fontes, em Sergipe. Gilberto Mendonça Teles (1983, p. 47) acrescenta, no capítulo intitulado *A crítica e o Romance de 30 no Nordeste*, que “Gilberto Freyre, embora não ficcionista, publicou em 1933 o seu livro mais importante, *Casa-grande e senzala* que, se não contribuiu para o início do movimento, foi pelo menos um forte exemplo de caracterização do homem brasileiro, notadamente no Nordeste”.

Seria um trabalho extenso elencar as características do Romance de 1930, visto que são muitas. No entanto, poderíamos ressaltar, dentre as mais relevantes, a apresentação de um romance voltado para o social, abrangendo a diversidade cultural brasileira, a escolha marcada por uma narrativa linear e a preferência por temas como a miséria, a desigualdade social e econômica e os descasos das autoridades governamentais, resultando numa literatura que denunciava as mazelas que assolavam a vida dos trabalhadores que faziam parte das classes menos favorecidas.

A partir desta apresentação, na qual expusemos uma visão panorâmica do contexto no qual pairou o romance de 30, abordaremos o romance regionalista e seus principais autores e obras, bem como a problemática da seca, expressa em *O quinze*, de Rachel de Queiroz.

1.1 RACHEL DE QUEIROZ SOB O PRISMA DA CRÍTICA

Rachel Franklin de Queiroz, filha de Clotilde Franklin e Daniel de Queiroz, nasceu aos 17 de novembro de 1910, em Fortaleza, capital do Ceará, conforme cita Heloisa Buarque de Hollanda (2005, p. 11), mais precisamente na casa de sua bisavó, D. Miliquinha, a qual era parenta do escritor José de Alencar e constituía uma das integrantes do grupo de ouvintes dos folhetins escritos por esse autor, antes de serem publicados.

A propósito disso, Hollanda (2005, p. 12) destaca: “Rachel nascia, portanto, com a marca valente das mulheres fazendeiras nordestinas e com a literatura gravada em seu DNA.” Durante a infância, ela viveu momentos no campo e outros na cidade. Foi alfabetizada pelo seu pai, e desde cedo teve contato direto com o mundo dos livros, pois tanto na fazenda quanto na cidade, havia a biblioteca dos Queiroz, onde a autora lia os livros com entusiasmo, uma prática até então não visto em jovens da mesma faixa etária.

No ano de 1915, houve uma seca que atingiu toda a região Nordeste e principalmente o Estado do Ceará. A família Queiroz, assim como outras famílias, teve enorme prejuízo e, conseqüentemente abandonaram a fazenda, no interior do Ceará, em busca de melhorias no Rio de Janeiro, como cita Hollanda (2005, p. 13-14). A partir de então, Rachel começou seus estudos em um colégio de freiras francesas, e aos 17 anos já escrevia seus primeiros contos, assim como publicava textos literários em um jornal do Ceará.

O quinze, romance regionalista escrito em 1930, por Rachel de Queiroz, apresenta além de características típicas da região, como: os costumes deixados pelas famílias antecedentes e que passaram de geração para geração, festas locais, religiosidade (nas casas e paróquias) da região, conferidas de procissões e devoção ao santo protetor, observamos ainda a luta constante de Chico Bento e família pela sobrevivência, saindo da fazenda onde trabalhava e que por motivo da seca foi mandado embora, tendo que caminhar a pé, com fome, por longos dias em busca de melhores condições de vida em outro local.

O romance acima mencionado de Rachel de Queiroz coloca em evidência o despertar imediato da crítica, convidando o leitor a entender as razões de Graciliano Ramos ao duvidar

da autoria do citado livro, uma vez que o seu conteúdo apresentava aspectos distintos de uma escrita feminina. Isso fica atestado, em *Linhas tortas*, de Graciliano Ramos, obra na qual ele afirmou que: “como só se ouvirão mulheres de escritores, os solteiros e os viúvos ficarão prejudicados. E como Rachel de Queirós não tem mulher, o público ignorará que ela fez *O quinze* a lápis, deitada no soalho, de barriga para baixo” (RAMOS, 1994, p. 181).

Vimos, nesta citação, o quanto Graciliano Ramos, enquanto sujeito leitor, crítico e escritor, desconfiou da escrita feminina presente no livro, questionando sobre a possível reação negativa que o público teria quando soubesse que o livro era de uma mulher, pois diante do seu ponto de vista, uma mulher, “deitada no soalho de barriga para baixo”, jamais seria capaz de escrever um romance com traços objetivos e precisos, denunciando acontecimentos sérios.

A partir desta inferência, percebemos o quanto a mulher era e continua sendo, nos dias atuais alvo de discriminação e críticas sobre sua capacidade não só de criação literária, mas também no desempenho de outras funções, vista sob os pensamentos masculinos, porém, é importante lembrar que esse pensamento foi reformulado e muitos autores passaram a ter uma nova visão com relação à escrita e atividades desempenhadas pela classe feminina.

Para reforçar nossas inferências, citamos Hollanda, a respeito de um comentário de Graciliano, que ao escrever sobre *Caminho de pedras*, destacou a sua primeira impressão sobre os escritos de Rachel:

O quinze caiu de repente ali por meados de 30 e fez nos espíritos estragos maiores que o romance de José Américo, por ser livro de mulher e, o que realmente causava assombro, de mulher nova. Seria realmente de mulher? Não acreditei. Lido o volume e visto o retrato no jornal, balancei a cabeça: não há ninguém com este nome. É pilhéria. Uma garota assim fazer romance! Deve ser pseudônimo de sujeito barbado. (RAMOS *apud* HOLLANDA, 2005, p. 15).

Com o romance *O quinze*, Rachel de Queiroz, ganhou popularidade na literatura regionalista desde sua publicação, em 1930, no estado do Ceará. A esse respeito, Júlio César Rodrigues Cattapan delinea essa escritura do seguinte modo: “A narrativa é enxuta, prende-se ao essencial e dispensa o supérfluo. A narração é sóbria, sem apelar para sentimentalismos românticos, nem para o brutalismo naturalista. O tom dramático está na situação descrita, não nos artifícios do narrador”. (CATTAPAN, 2010, p. 6).

Assim sendo, não poderíamos deixar de caracterizar essa obra como representante de uma realidade regional, que tinha como objetivo mostrar o que de fato acontecia na região, desde os problemas enfrentados pelos seres humanos, representados pelas personagens, inclusive pela paisagem descrita na obra.

Corroborando com o raciocínio de Cattapan, M. Moisés, afirma que:

Percorridas as primeiras páginas, logo salta a impressão de estarmos diante de algo particularmente viçoso, com um invulgar poder de concentração: em dois breves capítulos, uma romancista ainda adolescente desenha toda a situação dramática que garante o enredo, e o faz com mão de mestre. A seca, como fenômeno meteorológico e a sua implicação no meio ambiente, sugere-lhe descrições sem falsos adornos, como a refletir a paisagem despida de verde e esturricada pelo sol inclemente. (MOISÉS, 2007, p. 145).

Nessa perspectiva, além de retratar o drama da seca de 1915, problema que assolava a vida do povo no sertão cearense, o romance possui um enredo que até então era novidade para a época, ou seja, um livro escrito por uma mulher, cuja protagonista é uma mulher com nítidas preocupações sociais, o que despertava, na maioria dos críticos literários, um olhar diferenciado.

Assim, a obra de Rachel de Queiroz aparece construindo personagens livres, capazes de responder e interagir com as turbulências ocorridas na política da década de 30. Embora a história apresenta a personagem Conceição situada em 1915, ano da seca e dos acontecimentos paralelos narrados no romance, já é perceptível o avanço da figura feminina que marca a trajetória da mulher durante esse período de transição e aceitação, que com muito esforço passou a ocupar seu espaço na sociedade e na literatura, a exemplo dessa autora.

Dessa forma, discutimos neste estudo algumas características peculiares envolvendo a personagem Conceição, que representa uma mulher à frente da sua época, assim como apontamos questões sobre o papel social exercido pela mulher naquele período, a década de 1915.

Destacamos, ainda, a respeito da obra *O quinze*, um comentário de Augusto Frederico Schmidt propiciando uma discussão que ressalta a contribuição desse romance de Rachel de Queiroz, afirmando que:

Nada há no livro de D. Rachel de Queiroz que lembre, nem de longe, o pernosticismo, a futilidade, a falsidade da nossa literatura feminina. É o livro de uma criatura simples, grave e forte, para quem a vida existe. É que não tem apenas a compreensão exterior da vida. Livro que surpreende pela

experiência, pelo repouso, pelo domínio da emoção - e isso a tal ponto que estive inclinado a supor que D. Rachel de Queiroz fosse apenas um nome escondendo outro. (SCHMIDT *apud* BUENO, 2001, p. 162).

Embora o cenário literário daquele período ainda estivesse dominado pela autoria e público masculinos, e a escrita feminina estivesse restrita ao sentimentalismo romântico, foi surpreendente, para a época, que uma mulher pudesse escrever um romance de linguagem direta e objetiva como *O quinze*, tanto é, que, muitos chegaram a duvidar sobre a autoria dessa obra, conforme mencionamos anteriormente.

Contrapondo-se às críticas, construtivas ou não, Rachel de Queiroz, em uma entrevista ao Instituto Moreira Salles, em 1997, pondera:

Eu acredito numa escrita feminina, sim. O mundo da mulher não é o mundo masculino. As marcas da escrita feminina estariam principalmente na linguagem. O meu caso é diferente: talvez eu tenha uma linguagem masculina porque venho do jornal. Quando eu comecei a escrever, a literatura brasileira ainda se dividia entre o estilo açucarado das mocinhas e a literatura masculina. Hoje o estilo de muitas escritoras brasileiras se impõe. Clarice, por exemplo. Ela foi a maior de todas nós – e era absolutamente feminina. (QUEIROZ, 2002, p. 26).

Outras questões poderiam ser acrescentadas ao fato do estilo de Rachel de Queiroz instigar comentários; uma delas é a seleção de leituras que forma o repertório dessa escritora, ressaltando-se, aqui sua sensibilidade aos problemas da realidade, somada a sua inteligência e perspicácia para escrever suas obras, daí seu êxito e importância como escritora e ser humano que propiciou com sua sagacidade, inestimável contributo à arte literária.

Além do romance em discussão, a autora também publicou *João Miguel* (1932), seguido de: *Caminho de pedras* (1937), *As Três Marias* (1939), *Dôra Doralina* (1975) e *Memorial de Maria Moura* (1992).

Como cronista, também teve vários livros publicados, obteve destaque também no teatro através de duas peças, *Lampião*, em 1953, e *A beata Maria do Egito*, em 1958; mais adiante, no ano de 1969, se dedicou à área de Literatura Infanto-Juvenil, escrevendo *O Menino Mágico e Andira*, encantando e desenvolvendo o poder da criação e imaginação na mente dos jovens.

1.2 O *QUINZE*: ROMANCE DE ESTREIA DE RACHEL DE QUEIROZ

Impresso e publicado no ano de 1930, no Estado do Ceará, *O quinze* teve grande repercussão nacional e internacional, chegando a ter uma tradução francesa, conforme consta no prefácio do livro, publicado em 1986, denominada de *L'année de la grande sécheresse* (o ano da grande seca), distribuída por vários países.

O romance contém, em sua estrutura, 26 (vinte e seis) capítulos, sem títulos, apenas enumerados, em que a autora vai apresentando características e ações dos personagens.

Outra característica que podemos apontar, dentro do romance, diz respeito à pluralidade de planos narrativos. O enredo é estruturado em torno de dois planos principais, o sertão e a cidade, os quais transcorrem sobre o seguinte trajeto: Chico Bento e família evadem do sertão em direção à cidade; Conceição viaja inúmeras vezes para visitar sua família no sertão; Vicente, seu primo, sai para visitar Conceição na cidade; Vó Nácia deixa o sertão rumo à cidade, retornando ao sertão somente após a seca.

Quanto à narrativa, a obra *O quinze* é feita em 3ª pessoa, de tal modo que se estabelece uma grande proximidade entre narrador e personagens, atestado pela empatia flagrante por parte do primeiro.

Isto pode ser confirmado abaixo, no destaque feito por Ligia Chiappini Moraes Leite (2007, p. 32):

Narrador onisciente, ou narrador onisciente neutro fala em 3ª pessoa, embora seja bastante frequente o uso da cena para os momentos de diálogo e ação, enquanto, frequentemente, a caracterização da personagem é feita pelo narrador que as descreve e explica para o leitor.

Assim, durante a narrativa, compreendemos que o narrador onisciente é aquele que possui uma visão ilimitada dos fatos e, embora saiba de tudo o que acontecerá no decorrer do romance, é perceptível, nas cenas dos diálogos as pessoas do discurso, como, também, a descrição do narrador que faz questão de demonstrar todas as características dos personagens, focalizando o que ocorre por dentro e por fora delas, conforme se observa nesse fragmento de *O quinze*:

Ele, nesse momento, se voltava para a prima, mostrando num sorriso os dentes brancos, onde luzia um ponto de ouro:
– A dor de cabeça voltou? Está tão calada!

Com despeito, ela pensou que talvez aquele riso, aquela fala carinhosa, ele também os empregava conversando com a cunhã do Zé Bernardo... E respondeu frouxamente:

– Não... estava ouvindo... Ah! sabe quem encontrei no Campo? A Chiquinha Boa... (QUEIROZ, 2004, p. 81-82).

A respeito de *O quinze*, trata-se de um romance de profundidade psicológica, pois, ao mesmo tempo em que o narrador determina as ações dos personagens, introduz interrogações e dúvidas, demonstrando o que teria passado por sua cabeça e por seu espírito. Isto se confirma pelo que vimos, na onisciência do narrador, conferida no seu domínio sobre o teor de intimidade existente entre o par romântico, cujo diálogo deixa perpassar o cuidado do narrador com o comportamento, as ações e o pensamento dos seus personagens. Ressaltamos, aqui, por exemplo, o que está afirmado se passar, num discurso indireto, na mente da protagonista: “Com despeito, ela pensou que talvez aquele riso, aquela fala carinhosa, ele também os empregava conversando com a cunhã do Zé Bernardo... E respondeu frouxamente: – Não... estava ouvindo... Ah! sabe quem encontrei no Campo? A Chiquinha Boa...”. (QUEIROZ, 2004, p. 82).

Esse manejo do narrador onisciente sobre a fala da personagem, utilizando-se do discurso indireto, fica ainda mais patente pela proximidade estabelecida entre a voz que narra e os pensamentos e recordações de Conceição, como podemos observar nos trechos seguintes, em que a flagramos em seus solilóquios:

Deitada na cama, com a luz apagada, Conceição recordava Vicente e sua visita. A verdade é que ela era sempre uma tola muito romântica para lhe emprestar sua auréola de herói de novela! Metido com cabras... não se dava respeito... E ainda por cima, não se importava nem em negar...

[...]

Num relevo mais forte, tão forte quanto nunca o sentira, foi-lhe aparecendo à diferença que havia entre ambos, de gosto, de tendências, de vida. O seu pensamento, que até pouco se dirigia ao primo como a um fim natural e feliz, esbarrou nessa encruzilhada difícil e não soube ir adiante. (QUEIROZ, 2004, p. 84-85).

Nessa citação, vemos traços que exibem diferenças entre Conceição e o seu primo Vicente, principalmente quando os assuntos são referentes aos sentimentos íntimos, ou seja, a jovem protagonista do romance tem convicção de que jamais poderia manter algum vínculo afetivo com o rapaz (além do que já possuem), visto que seus gostos e pensamentos são contrários. E Vicente, mesmo apaixonado por Conceição, jamais entenderia o seu coração, os

seus desejos e o seu modo de pensar. Essas conjecturas partem das incursões do narrador no mundo interior das personagens. No exemplo de Conceição, temos uma demonstração de sua personalidade, cuja marca superior é a capacidade de refletir sobre sua condição no mundo e de tomar atitudes revolucionárias mediante as injustiças sociais.

Com o intuito de aprimorar o nosso estudo sobre a personagem Conceição, e também para aprofundar nossa discussão a respeito do tema proposto, nos valem da definição de personagem proposta por Beth Brait (2000, p. 11), quando esta autora argumenta que “personagem é uma construção elaborada a partir da organização dos signos linguísticos, e que não existe fora disso, das palavras; e que as personagens representam pessoas, segundo modalidades próprias da ficção”.

Desse modo, inferimos que as personagens presentes no romance queirozeano, embora estejam representando pessoas e vivenciando suas dificuldades, é importante lembrar que não são seres reais, mas a representação humana, fruto da imaginação, dos desejos e vivências da autora que, através de personagens, termina atraindo o leitor de tal forma, que confunde a ficção proposta pelo narrador, com a realidade presente no cotidiano das pessoas. Assim, presumimos que há astúcia da narradora em manipular o seu leitor, uma vez que o enredo retrata atitudes, desejos e idealizações de criadora, reproduzindo personagens e ações que confundem realidade e ficção.

Candido, seguindo o raciocínio de E. M. Forster (1974, p. 63-64), afirma que uma personagem nos parece real quando “o romancista sabe tudo a seu respeito”, ou dá esta impressão, mesmo que não o diga. É como se a personagem fosse inteiramente explicável; a respeito da personagem de ficção, comparando-se ao ser real – vivo, temos:

Come e dorme pouco, [...] mas vive muito mais intensamente certas relações humanas, sobretudo as amorosas. Do ponto de vista do leitor, a importância está na possibilidade de ser êle (*sic*) conhecido muito mais cabalmente, pois enquanto só conhecemos o nosso próximo do exterior, o romancista nos leva para dentro da personagem, “porque o seu criador e narrador são a mesma pessoa”.

A seguir, veremos trechos do romance queirozeano que retrata as relações humanas e amorosas vivenciadas ou reprimidas, nas figuras de Conceição e seu primo Vicente.

Conceição é o tipo de moça romântica que sonha com um homem intelectual, experiente, com pensamentos modernos, que possa satisfazer todos seus anseios, enquanto

Vicente é o moço rude que trabalha no campo e que as únicas leituras que faz são sobre as notas do gado; ele jamais poderia discutir romance, atualidades e temas como política, economia, entre outros com a jovem, conforme vemos no seguinte trecho:

Foi então que se lembrou que, provavelmente, Vicente nunca lera Machado... Nem nada do que ela lia. Ele sempre dizia que, de livros, só o da nota de gado... Num relevo mais forte, tão forte quanto nunca o sentira, foi-lhe aparecendo a diferença que havia entre ambos, de gosto, de tendências, de vida. (QUEIROZ, 2004, p. 84).

A respeito dos sentimentos de Vicente, percebemos que, quando se tratava de coração, ele não tinha muito jeito de se expressar; as palavras desapareciam quando a via e, por mais que seu coração morresse de amores por ela, o rapaz sempre se afastava como se soubesse que entre ambos jamais pudesse existir algum relacionamento. “E ele foi descobrindo uma Conceição desconhecida e afastada, tão diferente dele próprio, que, parecia, nunca coisa nenhuma os aproximara.” (QUEIROZ, 2004, p. 83). Da mesma forma agia Conceição: seus pensamentos sempre esbarravam nas diferenças que havia entre ambos, como vemos na seguinte afirmação: “A verdade é que ela era mesmo uma tola muito romântica para lhe emprestar essa auréola de herói de novela! Metido com cabras... Não se dava respeito... E ainda por cima, não se importava nem em negar...” (QUEIROZ, 2004, p. 84).

O quinze apresenta uma protagonista solidária, que ao desenvolver atividades no campo de concentração, procura minimizar as condições sociais já existentes, principalmente em relação à seca e à fome que destruíam muitas famílias, a exemplo da família de Chico Bento. Percebemos mediante a citação a seguir que Conceição tenta contribuir coletivamente para amenizar as desgraças dos retirantes, através de gestos simbólicos de generosidade:

[...] venha comigo, compadre, receber a ração de comida, que está na hora. Não têm uma vasilha?
E saiu depressa, segurando as pregas da sua saia de lã azul, em direção ao local da distribuição; atrás dela Chico Bento arrastava os pés, curvado, trêmulo, com a lata na mão estendida, habituado já ao gesto, esperando a esmola. (QUEIROZ, 2004, p. 97).

Observando a caracterização da personagem Conceição, percebemos uma preocupação da jovem com o social, visto que está sempre à disposição para ajudar o próximo. Uma das passagens do texto em que a personagem demonstra atitudes de cuidado e atenção para com o

seu semelhante, é no momento que a jovem grita alegremente ao receber o afilhado de sua comadre para criar:

– Foi de vez comadre? Agora não leva mais! Pobrezinho de meu afilhado! Que é que tem dentro dessa barriga tão inchada, Manuel?

[...]

Conceição mal dormia, sempre pertinho da criança, que estirada na rede, com muita febre, não comia, imóvel e indiferente feito um defunto. Cordulina mal aparecia, sempre de carreira, sem poder abandonar o marido e os outros filhos. E de saída, os olhos agradecidos envolvendo a moça, dizia sempre:

– Deus lhe paga isso, minha comadre! São Francisco das Chagas vai dar tudo o que o seu coração pedir! (QUEIROZ, 2004, p. 109-110).

De acordo com o texto, é visível a preocupação, cuidados e mimos que Conceição tinha para com o afilhado Manuel, que, mesmo encontrando-o em estado grave de desnutrição, ela não hesitou e providenciou um médico para cuidar da criança. Este, quinze dias depois, apresentava uma melhora sensível “[...] e já não olhava mais a madrinha com a primitiva expressão assustada. Tinha por ela olhares agradecidos e meigos”. (QUEIROZ, 2004, p. 111).

Podemos inferir, a respeito dessa passagem, que esse cuidado de Conceição para com a criança, seria uma das estratégias que a moça usaria para suprir a necessidade de desempenhar seu papel de mãe, visto que, naquele momento, ela demonstrava ter afinidade com a maternidade. A avó, vendo os cuidados, a atenção e o carinho que a jovem dedicava à pobre criança, exclamou: “– Ah menina! Quando acaba, você diz que não é boa para casar!...” (QUEIROZ, 2004, p. 112).

No dizer de sua avó, Conceição poderia ser uma ótima dona de casa e uma verdadeira mãe, porém, por ser tão esclarecida, e saber que o matrimônio poderia privá-la de alguns afazeres, e também por não encontrar o homem ideal, preferiu viver sozinha. Assim, desempenhava sua função de educadora, além de prestar assistência no campo de concentração, e ainda poderia andar sozinha pelas ruas, sem que tivesse a preocupação de ter sempre alguém a acompanhando.

Vimos, até o presente momento, que Rachel de Queiroz, ao construir a personagem Conceição, propôs uma nova opção de vida para a jovem inteligente que vivia na cidade, com pensamentos livres e esclarecidos, embora sua avó não entendesse os motivos que levaram Conceição a se envolver em tantas leituras; “[...] sentada na espreguiçadeira da sala, Conceição lia, com os olhos escuros intensamente absorvidos na brochura de capa berrante”,

(QUEIROZ, 2004, p. 130), quando Dona Inácia tomou o volume das mãos da neta e, olhando o título, questionou:

- E esses livros prestam para moça ler Conceição? [...] Conceição riu de novo: [...]
- Você não está vendo? É um livro sério, de estudo... E tentou fazer uma síntese do tema que envolvia a obra, procurando ingenuamente encaminhar a avó para suas ideias: Trata da questão feminina, da situação da mulher na sociedade, dos direitos maternais e os problemas... Dona Inácia juntou as mãos, aflita:
- E minha filha, para que uma moça precisa saber disso? Você querará ser doutora, dar para escrever livros? Novamente o riso da moça soou:
- Qual o quê, Mãe Nácia! Leio para aprender, para me documentar... (QUEIROZ, 2004, p. 130-131).

Dessa forma, entendemos que a autora, ao criar a personagem Conceição, apresenta ao público leitor a figura de uma mulher independente, que transgredia as regras do patriarcado, ou seja, uma mulher ousada, sagaz e desafiadora, deixando para trás a submissão e modelos, que, até então, deveriam ser atributos.

Surge, assim, Conceição, a jovem intelectualizada e liberal da cidade, que buscava a si mesma em suas leituras e, através delas, se encontrava como uma mulher em constante descoberta, do seu espaço e de seus deveres como cidadã.

O que difere esse romance dos demais escritos pela autora, está, entre outras razões, no fato de Conceição, enquanto heroína, ter uma preocupação com o social, ao mesmo tempo em que lapida sua personalidade de mulher, que vê, no estudo e no trabalho, a possibilidade de conseguir independência financeira e realização pessoal, como também exercer seu papel humano e solidário à frente de uma sociedade machista, conforme veremos a seguir em um trecho do romance que evidencia essa preocupação com o social:

Conceição passava agora quase o dia inteiro no Campo de concentração, ajudando a tratar, vendo morrer às centenas as criancinhas lazarentas e trôpegas que as retirantes atiravam no chão, entre montes de trapos, como um lixo humano que aos poucos se integrava de todo no imundo ambiente onde jazia.

[...] De vez em quando, porém, a avó tinha que repreendê-la por quase não comer, por sempre chegar em casa atrasada, por consumir todo o ordenado em alimentos e purgantes para os doentinhos do Campo; ela respondia rindo: - Mãe Nácia, eu digo como a heroína de um romance que li outro dia: Não sei amar com metade do coração... (QUEIROZ, 2004, p. 134).

Observamos, a partir desta citação, que a autora além de abordar aspectos instigantes sobre a personagem Conceição, nos presenteia com uma obra concisa que vai além de seu tempo e da problemática da seca. Ela nos mostra que a mulher pode desempenhar papéis importantes e integrar-se na sociedade, diluindo estereótipos.

A galeria de personagens femininas de Rachel de Queiroz, segundo Hollanda (2005, p. 29), “[...] instaura o direito da mulher de defesa de sua individualidade e autodeterminação”. Assim, podemos verificar que em seus romances, por serem intensas, as personagens não vivenciam relacionamentos amorosos, nem tampouco ocorre a continuidade familiar, mas personagens desafiadoras em relação ao patriarcado, a exemplo de Dora Doralina, Maria Moura.

O que percebemos é uma ruptura do estilo romanesco tradicional, assim como uma busca incessante pelo desejo de realização pessoal, liberdade de expressão e independência. Assim, remetemos ainda à contribuição de Hollanda, ao afirmar que, em Rachel de Queiroz, “[...] suas personagens femininas trilham caminhos individuais difíceis, e no mais das vezes acabam derrotadas por fazerem essa opção, mas estes romances terminam, sem exceção, num passo seguro em direção ao desconhecido.” (HOLLANDA, 2005, p. 29).

Nesse sentido, ressaltamos que, no século XIX, os direitos atribuídos às mulheres começaram a surgir de forma mais concreta, visto que muitas delas já faziam parte da classe de trabalhadores assalariados, ocupando o cenário industrial, inclusive na indústria têxtil. Outras estavam ligadas às lutas trabalhistas, reivindicando seus direitos como trabalhadoras, inclusive em questões relacionadas à opressão por gênero.

A partir do século XX, conforme ressalta Oliveira (2014, p. 4):

[...] o feminismo aparece com outro perfil no Brasil, apresentando-se mais crítico, com novos desafios e propostas, com a união de mulheres de diversas classes sociais. O caráter militante se sobressai nesse momento, pois, questionava a política, a educação e a dominação do homem na sociedade, além da sexualidade e divórcio.

Entre os anos 40 e 70 o movimento passou por várias mudanças; contudo, as mulheres não deixaram de atuar na sociedade, enfrentaram preconceitos e lutaram por seus direitos. Assim, enfrentando dificuldades no decorrer dos anos, tanto no âmbito da sociedade ou do próprio movimento, elas não recuaram às novas demandas que surgiam e se uniram, sempre em busca de novos espaços.

Outro desafio enfrentado pelas mulheres foi na literatura, visto que, para construírem seus projetos literários havia várias dificuldades, pois além da indiferença, elas se deparavam também com a hostilidade. Para serem reconhecidas, as mulheres escritoras deveriam alterar os seus valores em respeito à autoridade externa, reproduzindo as normas ditadas pelo discurso masculino. Outro empecilho a ser superado, após conquistarem o direito à escrita, era a ausência das próprias formas literárias, visto que elas foram criadas pelos homens a partir de suas necessidades e para as suas aplicações.

Bella Jozef (1989, p. 47), no capítulo intitulado “A mulher e o processo criador”, comenta que, durante muitos anos, “[...] o que caracterizou a escrita feminina foi que as mulheres acreditaram libertar-se, tentando apagar as ambiguidades da diferença como uma inferioridade”.

Desse modo, se essas mulheres imaginavam que ao escrever diferente estavam sendo inferiores, seria o momento ideal para se libertarem e não se igualarem, isto é, a mulher escrever como o homem.

Coelho (1989, p.7) afirma que a busca de um novo conhecimento de mundo entra na literatura feminina mesclada com a busca de si mesma. “Na esteira do pensamento fenomenológico, que está na base do existencialismo, busca-se, para além das formas consagradas e já estereotipadas, uma nova maneira de ver, de saber, de fazer. Tem início a verdadeira ruptura com as estruturas tradicionais.”

Nesse lento processo de conscientização, temos como resultado vários textos de romance ou contos que demonstram a crescente busca pela libertação e escrita voltada para um desejo de não só falar sobre o proibido, o sexo, os desejos, a libertação política, mas também transgredir ao nível da linguagem, como afirmou Josef (1989, p. 48-49):

O nosso grande exemplo é Clarice Lispector. Clarice foi uma transgressora sob todos os pontos de vista. Até então ninguém escrevia daquela maneira. Já tinha havido a revolução de Guimarães Rosa contra um regionalismo pitoresco, visual externo. E vem Clarice com aquela linguagem intimista, arrancada do fundo do seu ser.

É importante ressaltar que essa liberdade de escrita feminina passou por diversos entraves, principalmente pela crítica feminista, uma vez que iria transtornar os códigos vigentes, assim como modificar certas atitudes que eram vetadas às mulheres, a exemplo do conhecimento sobre a sexualidade, que foi-nos tradicionalmente vetado tanto pela moral como pela religião.

Josef (1989, p. 56) acrescenta, em seus comentários, a respeito da crítica feminista, que “[...] ela ajuda a mulher se reconhecer, a encontrar sua posição num território que costumava ser exclusivamente masculino, a sobreviver”.

1.3 CONTRIBUIÇÕES DO ROMANCE *O QUINZE* PARA A PROSA REGIONALISTA NORDESTINA

A prosa regionalista consagrada na década de 1930, se tornou símbolo nacional de uma literatura voltada para a cultura nordestina. Diante de um cenário marcado por um clima seco com alto índice de escassez de água, diversos autores apresentam essa realidade em seus romances. A exemplo de, *O quinze*, de Rachel de Queiroz, em *Vidas secas*, Graciliano Ramos, também retrata o flagelo da seca e suas consequências drásticas, apresentado em exemplos como a fuga da família, a desonestidade do patrão e a arbitrariedade da classe dominante, enquanto o grupo que integra a família luta para conseguir sobreviver.

Em *O quinze*, de Rachel de Queiroz, destacamos a personagem Conceição, a qual representa uma mulher com uma formação intelectual e diferenciada para a época em que o romance estava inserido, precisamente a década de 1930, embora o tempo interno da narrativa seja o ano de 1915, como indica o título da referida obra. Também procuramos expor, neste estudo, questões relacionadas à problemática da seca, como a fuga dos retirantes em busca de melhorias, relativas à condição digna de vida, a religiosidade da personagem Dona Inácia, que se apega aos santos e ao rosário, clamando por chuva, mesmo sendo contrariada por sua neta, Conceição, e apresentamos, também, as características expressivas do fazendeiro sertanejo Vicente, primo e pretendente de Conceição.

Nessa perspectiva, discutimos o papel social da mulher na década de 30, relacionado à personagem Conceição, na representação da mulher da atualidade.

Partindo desse ponto de observação sobre o aspecto sócio regional da obra, Coutinho (2004, p. 280-281) cita *O quinze* entre os demais livros que integram o ciclo do romance nordestino.

O referido crítico acrescenta que “A tônica regional alia-se à questão social e ao drama proletário. O romance social revolucionário é um natural desdobramento do documentário regional e vai caracterizar a produção da ‘geração revoltada’ da década de 30” (COUTINHO, 2004, p. 281).

Em outras palavras, podemos dizer que autores dessa geração buscaram traçar um perfil da situação de vida do povo brasileiro, escrevendo romances que narravam os acontecimentos e os problemas sociais presentes na sociedade, tanto no âmbito cultural como político. Tal busca resultou numa literatura denunciativa, em que muitos autores preferiram destacar o cenário rural, contemplando as problemáticas da zona do açúcar, do cacau, do sertão e do cangaço, enquanto outros se dedicaram a escrever sobre a área do proletariado urbano.

No campo da Literatura Regionalista, destacamos uma variedade de obras que se destacaram por apresentarem características próprias da região, como o nordeste, por exemplo, e seus escritos, abordarem temas relacionados à problemática que envolvia os habitantes da região, agregando o ambiente e a linguagem (fala) utilizava por aquela gente.

Na opinião de Coutinho (2007, p. 202):

Para ser regional uma obra de arte não somente tem que ser localizada numa região, senão também deve retirar sua substância real desse local. Essa substância decorre primeiramente do fundo natural – clima, topografia, flora, fauna etc. – como elementos que afetam a vida humana na região; e em segundo lugar, das maneiras peculiares da sociedade humana estabelecida naquela região e que a fizeram distinta de qualquer outra. Esse último é o sentido de regionalismo autêntico.

Podemos citar como exemplo de regionalismo, dentre outros, o romance regionalista nordestino, que, ao valorizar as tradições culturais, sua narrativa apresenta elementos locais, naturais e um discurso próprio daquele povo.

José Maurício de Almeida (1999, p. 206), em *A tradição regionalista no romance brasileiro*, considera *O quinze* um romance efetivamente regionalista, pois “[...] tanto o ambiente natural (a seca, a paisagem agreste) quanto a realidade social e humana fixada no romance (a luta do homem pela sobrevivência, o êxodo e os dramas a eles inerentes) refletem uma vivência profunda da região”.

Como vimos na citação acima, opinião de Almeida (1999), ao escrever um romance regionalista nordestino, o autor procura expressar em seu texto os aspectos sociais por ele identificados, apresentando os aspectos naturais, sociais e culturais que fazem parte do personagem como um ser autenticamente nordestino.

Eduardo Portella (1983, p. 69), no livro *O Romance de 30 no Nordeste*, faz as seguintes observações sobre o romance regionalista nordestino:

A circunstância de que ainda hoje, quase trinta anos depois dos seus primeiros dias de glória, seja o tema “romance regionalista nordestino” motivo de debates e discussões em nosso meio intelectual, é uma prova evidente do quanto significa ele como força vital e como manifestação de valores definidos em nossa moderna ficção.

Feita essa abordagem em torno do Romance de 1930, considerando os princípios estéticos que o fundamentam, destacando suas obras e respectivos autores, partiremos para a discussão sobre as conquistas e desafios enfrentados pela mulher na década de 1930, embasada no estudo da personagem Conceição do romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz.

2 CONQUISTAS E DESAFIOS ENFRENTADOS PELA MULHER NA DÉCADA DE 1930

A década de 1930 foi marcada por diversos feitos, inclusive pela emancipação da mulher na literatura brasileira, tomando para si a tarefa de reescrever as várias histórias, até mesmo a sua. Revendo criticamente o que os homens até então tinham escrito a seu respeito, este foi um momento fundamental para desmistificar essas restrições impostas à mulher.

Ainda que muitas escritoras tivessem que enfrentar as adversidades para obter espaço numa sociedade marcada pelo domínio patriarcal, algumas receberam críticas. Porém, foi em meio a muitos empecilhos que elas ganharam força e autonomia, afirmando-se na escritura feminina, buscando sua emancipação, fazendo uso de sua identidade, construindo e assumindo posição na sociedade.

Compreendemos, assim, que depois da década de 1930, o romance feminino desenvolveu-se em torno da representação da mulher, com temas relacionados à sua condição e experiência na sociedade, bem como em apresentar os problemas e situações sociais que afetavam a mulher naquela época. Como exemplo disso, citamos *O quinze*, de Rachel de Queiroz, no qual, ao se discutir questões sociais variadas, aborda a condição e representação da mulher na sociedade, realçada na figura da personagem Conceição.

No romance, a personagem Conceição não pensa em constituir uma família. Partindo desse pressuposto, estendendo por analogia, a representação da personagem como ser de ficção ao qual é conferido caráter humano, compreendemos o processo que as mulheres têm vivenciado durante longos tempos, como por exemplo, o direito a expor seu ponto de vista perante a sociedade, construir sua carreira profissional, e assumirem diversos cargos, principalmente na política, entre outros fatores.

Nessa linha de raciocínio, Maria de Lourdes Dias Leite Barbosa (1999, p. 103) trata sobre o poder de conquista e inserção das mulheres no mercado profissional, afirmando que:

Nos últimos anos, as mulheres têm procurado uma nova compreensão de seu papel, investindo cada vez mais em uma atividade profissional, a fim de tornar menos delimitados os papéis de pai, mãe e filhos, impostos pela velha ordem patriarcal.

Com base nesse discurso de Barbosa, podemos inferir que a mulher, a cada dia, ocupa lugar de destaque nas diversas áreas do mercado de trabalho, como também no cenário político, fato este que, na década de 1930, era algo raro, quase que impossível. Enquanto hoje,

o que vemos é um numeroso índice de mulheres que além das atividades do lar, estão adentrando numa formação técnica ou superior, buscando aperfeiçoamento em suas profissões, confirmando, assim, que o número de mulheres que buscam melhores condições de vida torna-se cada vez maior, não obstante o acúmulo de atividades que desembocam na sobrecarga feminina, visto que a mulher soma atividades tradicionais com outras novas.

Esse crescimento decorre do interesse e da preocupação das mulheres em buscar uma formação superior, diferenciando-as da maioria dos homens; porém mesmo com todo o crescimento e esforço feminino, em busca de sua emancipação, ainda há muito preconceito contra as mulheres exercerem cargos e funções importantes em relação ao trabalho, o que atrapalha a ascensão profissional e um salário mais digno.

Segundo Gomes, a diferença salarial, a múltipla jornada de trabalho e o pouco espaço nas decisões são os maiores desafios encontrados pelas mulheres:

[...] Muitos problemas foram e ainda são enfrentados pelas mulheres na inserção no mercado de trabalho. Entre eles, vale ressaltar os salários menores em relação ao dos homens, a dupla jornada com o princípio de que a vida doméstica é trabalho feminino, falta de voz nos espaços de decisão, entre outras coisas. (GOMES, 2005, p.6)

Apesar da diferença salarial e da dificuldade em ocupar cargos de liderança, a responsabilidade atribuída às mulheres teve um crescimento significativo, visto que sua jornada de trabalho aumentou; passando então a desenvolver, além das atividades inerentes ao seu ambiente de trabalho, fora de casa, os serviços domésticos e o cuidado com os filhos, aos quais destina grande parte do seu tempo, resultando em excesso na jornada de trabalho e conseqüentemente ocasionando riscos a sua saúde.

No romance *O quinze*, a personagem Conceição embora não esteja inserida nessa múltipla jornada de trabalho, como cuidar da casa, dos filhos e do marido, ela se apresenta como uma mulher emancipada, que exerce uma atividade profissional, e que devido a sua formação possui um grau de conhecimento suficiente para contestar as desigualdades existentes, assim como buscar melhorias para ela e os seus semelhantes.

2.1 CONCEIÇÃO: CONSTRUÇÃO DA HEROÍNA AUTÔNOMA EM O QUINZE

Dentre as produções literárias em prosa da década de 1930, no Brasil, a figura de Rachel de Queiroz ganha relevo, tendo em vista que, aos 19 anos, ela surge na literatura brasileira com seu primeiro romance, *O quinze*.

A esse respeito, Coutinho (2004, p. 279), ao falar sobre Rachel de Queiroz, ressalta que “a temática principal da autora, dentro dos problemas geográficos e sociais nordestinos, é a posição da mulher na sociedade moderna, com seus preconceitos morais e sociais”.

Diante desta citação, entendemos que, apesar de *O quinze* referir-se à grande seca de 1915, sobre a qual Rachel de Queiroz tanto ouviu falar, o livro abre espaço para se discutir um aspecto instigante para a época: a construção de uma personagem feminina, ressaltada em Conceição, a qual se sobressai em meio às turbulências políticas e patriarcais que ocorriam naquela década (1930). Dessa forma, era visível o preconceito com a escrita de cunho feminino voltado para os fatos sociais e morais, porém, a autora ganhou espaço e escreveu um livro que despertou o público leitor e principalmente a crítica, ambas de forma positiva, conforme palavras de Nelly Novaes Coelho (1989, p. 6).

Nos romances pioneiros dessa conscientização inicial, temos nas heroínas a constatação, entre resignada e melancólica, do bloqueio imposto pela Tradição patriarcal à liberdade de escolha de sua própria vida. Frustração amorosa. Tentativa de valorização da capacidade intelectual da mulher. Irrealização sentimental.

Assim, se iniciou o primeiro momento de conscientização e predomínio do social e da consciência ética dos escritores, embora o cenário literário ainda conspirasse contra a postura feminina perante romances.

Seguindo essa linha de raciocínio, em defesa da postura feminina em romances, Coelho menciona que:

No século XIX, a postura feminina, registrada nos poucos romances e na muita poesia escrita por mulheres, é de endosso ao sistema proposto, e de queixas e lamentos devido à impossibilidade de auto realização, como decorrentes de um destino pessoal, infeliz, nunca como possível consequência de falha no sistema. É no nosso século, por volta dos anos 30, que a reação feminina vai se fazer notar. (COELHO, 1989, p. 5-6).

Desse modo, diante dos romances pioneiros de conscientização da escritura feminina, não poderíamos deixar de mencionar *O quinze*, romance que resultou da nova criação literária ocorrida por volta dos anos de 1930 a 1940.

Ao escrever *O quinze*, a autora criou a personagem Conceição com uma imagem feminina diferente daquela que a sociedade consolidou e impôs como definitivo padrão de comportamento.

Para evidenciarmos as características da protagonista Conceição, destacamos um trecho do livro em que esta personagem, preocupada com as condições de vida que viviam seus compadres (Chico Bento e Cordulina), resolve ir à busca de passagem para a família: “- Pois então está dito: São Paulo! Vou tratar de obter as passagens. Quero ver se daqui a alguns anos voltam ricos...”. (QUEIROZ, 2004, p. 115).

Percebemos, por meio dessa passagem da obra, o quanto Conceição se preocupa com o seu semelhante, desejando e lutando por um futuro melhor para aquela gente sofrida. E, assim, de modo altivo e resoluto, segue em busca de uma vida melhor para seus compadres. Mesmo em meio à adversidade, ela espera obter as passagens do governo, no intuito de livrar a família de Chico Bento do flagelo. Conceição não desiste de lutar, enfrenta obstáculos, mas obtém êxito, conforme vemos neste fragmento da narrativa: “Enfim, aí estavam na sua mão os papelinhos azuis: COMPANHIA NACIONAL LÓIDE BRASILEIRO – 3ª CLASSE – UMA PASSAGEM.” (QUEIROZ, 2004, p. 115-116).

Destoando do comportamento marcado pelo patriarcalismo, presente na figura da avó, a personagem D. Inácia, uma representante das tradições religiosas, Rachel de Queiroz impingiu a jovem Conceição de pensamento crítico, com espírito inovador e atitudes típicas de uma mulher contemporânea, que é capaz de agir por si mesma e tomar suas próprias iniciativas e decisões.

Com base nesses pressupostos, podemos afirmar que Conceição é uma personagem que traz não somente as marcas da emancipação da mulher, a partir do momento em que ela exerce sua vontade, mas que também luta para fazer valer o direito de cidadania do outro, no momento em que ela se ocupa de tirá-lo do meio opressivo, acreditando que poderá haver esperança de autonomia para a vida também desse outro. Neste sentido, embora se trate de um romance pertencente aos anos de 1930, Rachel de Queiroz não hesitou, e inovou na criação da primeira personagem brasileira a mostrar, em toda sua complexidade, o difícil processo de aceitação do papel da mulher desde o início do século XX.

Coelho (1993, p. 319) ressalta que “Há uma evidente e aflita busca de liberdade percorrendo toda a obra de Rachel de Queiroz, pois tudo no mundo organizado escraviza ou aprisiona os seres na rotina, deveres, preconceitos, normas, limites...”.

Com base na citação acima, ao refletirmos sobre o comentário de Coelho, percebemos que, nos livros de Rachel de Queiroz, as figuras femininas demonstram inquietação em relação à dependência e inferioridade da mulher, assim como fica nítida a preocupação dessa escritora, quanto ao papel social a elas atribuído.

2.2 CONCEIÇÃO: REPRESENTAÇÃO SOCIAL DA MULHER DA DÉCADA DE 1930

Além da problemática envolvendo a seca, a fome, desencadeando a saga dos retirantes do sertão de Quixadá para a capital, em busca de melhorias, representada nas figuras de Chico Bento e família, a obra *O quinze*, propicia horizontes de expectativas que suscita, entre outros, um olhar para o papel social exercido pela personagem Conceição.

A protagonista do romance *O quinze*, de Rachel de Queiroz, representada pela personagem Conceição, é uma mulher esclarecida, independente e que se afasta das tradições religiosas, muitas vezes contesta as leis divinas e encontra respostas no progresso da ciência, uma vez que seu avô era um homem de grandes conhecimentos e que negava a criação divina, ao considerar o homem como mero resultado do desenvolvimento da matéria.

É importante lembrar que, embora a personagem Conceição não acredite nas tradições religiosas vivenciadas no decorrer do tempo e no conhecimento mítico, passado de geração para geração, o romance queirozeano apresenta diversas passagens que demonstram claramente a presença dessas crenças no dia-a-dia do sertanejo, tais como: crer no santo São José, como padroeiro da chuva, procurar rezadeiras para curar os enfermos, tomar a benção aos mais velhos, como forma de proteção. Embasada nessas características, ainda podemos citar a população da região nordeste, local em que o romance foi produzido, principalmente, o sertão nordestino, em que os mais velhos são caracterizados por acreditarem em crenças, superstições, experiências vivenciadas, demonstrando sua fé e sua religiosidade, como cita o narrador em alguns trechos do romance.

Depois de se benzer e de beijar duas vezes a medalhinha de São José, Dona Inácia concluiu:

“Dignai-vos ouvir nossas súplicas ò castíssimo esposo da Virgem Maria, e alcançai o que rogamos Amém.”

Vendo a avó sair do quarto do santuário, Conceição, que fazia as tranças sentada numa rede ao canto da sala interpelou:

– E nem chove, hein, mãe Nácia? Já chegou o fim do mês... Nem por você fazer tanta novena...

Dona Inácia levantou para o telhado os olhos confiantes:

– Tenho fé em São José que ainda chove! Tem-se visto inverno começar até em abril. (QUEIROZ, 2004, p. 11).

Neste trecho, percebemos a criticidade e a ousadia da personagem Conceição, ao questionar a avó sobre suas crenças. Enquanto Dona Inácia é apresentada como uma senhora que segue as tradições religiosas, que roga ao santo padroeiro que mande chuva para o sertão, Conceição, que se encontrava em um canto da sala, fazendo suas tranças, interrompe a avó, dizendo que não irá chover, mesmo ela rezando tanto.

Desse modo, percebemos a situação de resistência que envolve a personagem, visto que, enquanto sua avó vive sua fé, a neta pouco se importa com as crenças dos mais velhos. Envolvida com leituras deixadas pelo seu avô, as religiões por ela conhecidas, surgem por meio de tratados em francês, encontrado em seu o armário, conforme podemos observar no seguinte trecho:

Era um tratado em francês, sobre religiões. Bocejando, começou a folheá-lo. Mas, pouco a pouco, qualquer coisa a interessou. E, deitada, a luz vermelha do farol, que ia enegrecendo o alto da manga com a fumaça preta, na calma da noite sertaneja, enquanto no quarto vizinho a avó, insone como sempre, mexia as contas do rosário, Conceição ia se embecendo nas descrições de ritos e na descritiva mística, e soletrava os ásperos nomes com que se invocavam Deus, pelas terras do mundo. (QUEIROZ, 2004, p. 13).

Outra citação referente à religiosidade, presente no capítulo vinte e quatro do livro *O quinze*, se dá como forma de agradecimento pelas chuvas que caem no sertão. Vejamos:

Enfim caiu a primeira chuva de dezembro. Dona Inácia, agarrada ao rosário, de mãos postas, suplicava a todos os santos que aquilo fosse um “bom começo” [...]. Maria, a preta velha da cozinha, irrompeu pelo corredor, acorrou-se a um canto e engulhando lágrimas e mastigando rezas, resmungava: o inverno! Senhor São José, o inverno! Benza-o Deus! (QUEIROZ, 2004, p. 139).

Na linha desse raciocínio, observa que, ao desenvolver a personagem Conceição, Rachel nos mostra uma jovem premiada pela aura da intelectualidade, podendo caracterizá-la

como uma personagem feminina brasileira a mostrar um perfil incomum para a mulher da década de 1930, principalmente quando se trata de repudiar o destino imposto pelo patriarcalismo. Embora muito jovem, a personagem revela seu espírito revolucionário e sua postura firme em suas tomadas de atitude frente às imposições das convenções sociais e injustiças contra o povo. Isto se confirma na seguinte passagem do romance em estudo: “Conceição tinha vinte e dois anos e não falava em casar. As poucas tentativas de namoro tinham-se ido embora com os dezoito anos e o tempo de normalista; dizia alegremente que nascera solteirona”. (QUEIROZ, 2004, p. 14).

No romance *O quinze*, a personagem Conceição apresenta-se como uma mulher forte, determinada e consciente de suas atribuições e deveres. Ela se caracteriza como uma mulher à frente do seu tempo, visto que não se submete às arbitrariedades das tradições patriarcais, embora esteja imersa neste sistema.

Reafirmando nossa análise, Coelho (1993, p. 317) assinala que: “Desde jovem normalista, Conceição se mostra alegremente ‘avessa ao casamento’, afirmando que nascera solteirona”. Com isso, não se submetia, ao contrário transgredia a função básica que a tradição atribuía e impunha à mulher. A avó tinha certa preocupação devido a essas ideias que a jovem defendia, visto que, segundo os costumes, a mulher que não casa é um “aleijão”. Nesta perspectiva, a narrativa lança a dúvida ao leitor: estaria com razão a avó?

Como podemos perceber, a visão de mundo que a avó de Conceição tinha era bem diferente daquela de sua neta. Ou seja, enquanto Dona Inácia representava o estilo de vida conservador, que passara de geração para geração, Conceição buscava novos conhecimentos, através de leituras fundamentadas no realismo, positivismo, determinismo, cientificismo, teoria da evolução das espécies de Darwin e Lamarck, e assuntos relacionados à literatura, política, filosofia, entre outros, demonstrando preocupação intelectual, que na sua época eram tradicionalmente vetados às mulheres, cujo único caminho que deveriam buscar era o casamento e a constituição familiar.

Neste sentido, Conceição apresenta-se como revolucionária, por reverter os valores impostos por uma sociedade conservadora, através de práticas como: recusa ao casamento, busca de realização pessoal, como por exemplo, o trabalho, a dedicação em cuidar dos menos favorecidos, conferida em sua participação como voluntária no campo de concentração, exercendo a liberdade de sair de casa sem a figura de um homem como acompanhante, entre outros fatores.

A narrativa de *O quinze* ressalta entre outros fatores, a estabilidade demonstrada pela protagonista, ao tomar sua decisão, na escolha de suas relações afetivas. Desse modo, contrariando os costumes da época, percebemos que Conceição, embora apresente uma situação econômica estável, redefine o papel social atribuído à mulher, de constituir uma família e viver de acordo com as normas impostas pelo patriarcalismo, no momento em que ela se apresenta preparada para resistir à intolerância dos que não aceitam a diferença de opinião, assim como a necessidade de redefinir seu espaço, segundo suas convicções, criando um ambiente que a proteja da solidão e da angústia.

Ao estabelecer uma relação entre a personagem Conceição e sua criadora, Rachel de Queiroz, percebemos que ambas possuem características similares, uma vez que a escritora deixa transparecer, na figura de ficção que ela cria, traços de sua própria personalidade: uma mulher intelectual que viveu numa sociedade conservadora, que, com audácia, construiu seu espaço, entre outras conquistas.

Embora Rachel não se considerasse feminista, estava sempre buscando ultrapassar os limites do mundo em que vivia, através do exercício da sua liberdade de expressão.

Desse modo, ao apresentar situações vivenciadas pela mulher, nas primeiras décadas do século 20, a respeito da condição feminina, Rachel de Queiroz, em *O quinze*, suscita vários questionamentos sobre a posição da mulher na sociedade ou a imagem de mulher que essa sociedade consagra como verdadeira e absoluta. Entretanto esse parâmetro não vigora porque não corresponde aos pensamentos e ações realizadas a partir dos novos tempos. Na via da desconstrução desse paradigma, o romance *O quinze* sugere novas perspectivas para a realização da mulher no âmbito pessoal, profissional e social perante a sociedade. Assim, as mulheres estão a cada dia buscando adquirir uma atividade profissional e tornando-se menos limitadas às funções impostas pela tradição, de que elas devem cuidar apenas da casa, dos filhos e do marido.

2.3 CONCEIÇÃO E SUA BUSCA PELA EMANCIPAÇÃO

Nosso propósito, ao analisar a personagem Conceição, protagonista do romance queirozeano, foi observar o seu comportamento perante as mulheres da década de 1915,

momento este em que a obra foi escrita, considerando suas ideias e atitudes e assemelhando aos gestos e ações praticadas pela mulher moderna.

Apesar de se tratar de um ser fictício, a protagonista do romance foi criada a partir de um ser real, tendo em vista que, de alguma forma a arte parte da observação da realidade, como explica A. Candido (2009, p. 55): “[...] o romance se baseia, antes de mais nada, num certo tipo de relação entre o ser vivo e o ser fictício, manifestada através da personagem, que é a concretização deste.”

Conceição, mesmo tendo surgido no início do século XX, nos apresenta traços característicos da mulher contemporânea. Desse modo, podemos inferir que, ao criar uma personagem, é necessário atribuir “afinidades e diferenças” essenciais entre o ser vivo e o personagem de ficção, conforme o entendimento de Candido, visto que ambos são de suma importância para que ocorra o processo de verossimilhança. Assim, é perceptível no romance uma seleção de dados e sequências de acontecimentos que são estabelecidos para que se obtenha a lógica da personagem, enquanto que a nossa interpretação relacionada ao ser vivo é fluída, varia de acordo com o tempo e as condições de conduta.

No romance queirozeano, a protagonista Conceição viveu uma sucessão de acontecimentos: no período de suas férias foi à fazenda, visitar a avó e descansar; na volta às aulas, seguia sua rotina de professora e ainda ajudava aos flagelados da seca, no campo de concentração; além dessas ações humanitárias da personagem, outras sucederam no decorrer da narrativa, como por exemplo, o sofrimento de desilusão que ela sentiu, ao saber que Vicente e a filha do Zé Bernardo estavam de conversa; embora sua avó procurasse harmonizar a situação, Conceição contesta, como podemos verificar no trecho do romance: “- Tolice não senhora! Então Mãe Nácia acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras?” (QUEIROZ, 2004, p. 66).

Conceição é uma criatura que busca conquistar sua liberdade, cria e projeta sua vida de acordo com o que acredita ser conveniente, mas que não está totalmente liberta, pois os preconceitos e normas impostas pela sociedade da época soam com tom de opressão aos sentimentos e decisões tomadas pela jovem protagonista, em relação à sua vida. No romance queirozeano, destacamos a preocupação da avó de Conceição em relação às leituras feitas e à falta de interesse pelo casamento através do seguinte fragmento:

– E só pra isso, que você vive queimando os olhos, emagrecendo... Lendo essas tolices...

Mãe Nácia, quando agente renuncia a certas obrigações, casa, filhos, família, tem que arranjar outras coisas com que se preocupe... Senão a vida fica vazia demais...

– E para que você torceu essa natureza? Por que não se casa?

[...]

– Nunca achei quem valesse a pena...

[...]

– Moça que pega a escolher muito acaba ficando na peça... (QUEIROZ, 2004, p. 131).

Vimos, a partir desse fragmento que as atribuições dadas ao casamento soam como algo distante da realidade da personagem, e que mesmo a avó contestando o pensamento da neta, de nada adiantava. A jovem possuía argumentos próprios, que chamavam a atenção do leitor, que, ao ler *O quinze*, se surpreende com a capacidade e autonomia da personagem protagonista. Vemos a seguir, em um recorte de sua vida dinâmica, exercendo a docência em turno intermediário:

Saía de casa às dez horas e findava a aula as duas. Da escola ia para o campo de concentração, auxiliar na entrega dos socorros. E só chegava de tardinha, fatigada, com os olhos doloridos de tanta miséria vista, contando cenas tristes que também empanavam de água os óculos da avó. (QUEIROZ, 2004, p. 77).

Além de ajudar os retirantes, no campo de concentração, vivenciando tamanha miséria e sofrimento daquela gente que não tinha nenhuma esperança de dias melhores, nos deparamos, logo no início da obra, com a capacidade de escolha e seleção de leituras da protagonista, como vemos neste trecho: “Está muito pobre, esta estante, já sei quase tudo decorado!” (QUEIROZ, 2004, p. 12).

Percebemos, mediante esse comentário, o quanto Conceição se mostra inteligente e sensível em suas escolhas, apresentando o senso crítico em seu discurso. Neste sentido, Barbosa (1999, p. 35) considera Conceição dentre as protagonistas de Rachel de Queiroz, “[...] a que mais demonstra preocupação intelectual”. Diante de tantos livros encontrados na estante de seu avô, ela já não queria ler mais aquela coletânea, uma vez que conhecia o conteúdo de cada um. Apesar dos livros serem conceituados, alguns escritos inclusive em outro idioma, como um tratado em francês, sobre religiões, a protagonista até se envolvia, mas para ampliar sua capacidade de leitura eles eram insuficientes, e a jovem, que desejava aprimorar sua capacidade crítica e intelectual, estava em busca de inovação.

Conceição é o tipo de mulher cujos objetivos coincidem com os de muitas mulheres de hoje. Elas são seres autônomos que buscam exercer sua liberdade de escolha, que possuem seus próprios objetivos e que almejam desenvolver um papel na sociedade que não seja apenas o de casar e ter filhos, mas de serem independentes e lutarem pelos seus direitos, numa sociedade preconceituosa e desvirtuadora dos valores humanos como a que vivemos.

Esse perfil de Conceição condiz com sua formação humana e intelectual, visto que ela realizava leituras socialistas, obtendo assim uma formação diferenciada, que lhe propiciava a construção de pensamentos próprios. Não é por acaso a postura de altivez, segurança e tomada de iniciativa diante dos fatos da vida, atributos ressaltados em Conceição.

A disposição em ajudar o próximo, em se dedicar a tarefas distintas, estabelece uma proximidade entre a personagem do romance, a jovem Conceição e sua respectiva autora, Rachel de Queiroz, que, ao escrever personagens femininas, “[...] instaura o direito da mulher de defesa da sua individualidade e autodeterminação”. (HOLLANDA, 2005, p. 29).

Conceição se destaca do contexto sertanejo da época, daí a considerarmos, entre outros atributos, uma mulher revolucionária, mesmo sendo criticada por seu primo Vicente, defensor dos valores conservadores, conforme destacamos abaixo:

Quando você entrou, tia Inácia estava dizendo que só lhe esperava de tarde.
 – Ah! foi porque eu hoje estava com uma dor de cabeça enorme, e não fui para o Campo... Mas só ao ver você aqui, melhorei...
 [...]
 – Foi por causa da doença que veio só?
 Ela riu de novo:
 – Só? Eu sempre ando só! Tinha que ver, de cada vez que fosse à escola, arranjar companhia...
 – Pois eu pensei que não se usava uma moça andar só, na cidade.
 [...]
 Conceição continuava a rir:
 – Mas eu, é porque sou uma professora velha, que vou para o meu trabalho! Uma mocinha bonitinha não passeia só, não!
 [...]
 – Pois mesmo assim, sendo professora velha, como você diz, se eu lhe mandasse, só deixava sair com uma guarda de banda... (QUEIROZ, 2004, p. 80).

Além das tradições mantidas naquela época, é possível observar no trecho acima, que, trabalhar fora de casa era condição ainda pouco comum para a época em que o romance foi escrito. Aqui, vale considerar que havia um número crescente de normalistas no início do século XX, no Brasil; o país ainda estava se acostumando com a novidade. E essa “liberdade”

da Conceição sair pela rua sozinha deixa Vicente preocupado. Tanto é que o jovem mostra esse poder de vigilante, afirmando que: “[...] se lhe mandasse, só deixava sair com um guarda de banda...” (QUEIROZ, 2004, p. 80). Percebemos, ainda, nesta mesma citação, certo ar de ciúmes e desejo de posse de Vicente em relação à jovem Conceição.

Conceição, ao visitar os retirantes do Campo de concentração, encontrou uma antiga moradora do seu primo Vicente, Chiquinha Boa, que lhe contou as novidades que se passavam pela fazenda, como a ida do Major e sua família para Quixadá, inclusive falou sobre o Vicente, que se encontrava só na fazenda, e de conversas com uma jovem, “filha de Zé Bernardo”. Esta notícia sobressaltou Conceição, que se levantou, deu uma prata à mulher e disse: “– Amanhã eu volto e vejo como vocês vão... Todos os dias venho aqui, ajudar na entrega dos socorros...” (QUEIROZ, 2004, p. 63).

Chegando à sua casa, contou as novidades à avó. Surpreendida com a resposta desta, Conceição exaltou-se, falando furiosamente, em tom de ciúmes, racismo e ironia contra a jovem a quem Vicente cortejava:

- Tolice, não senhora! Então Mãe Nácia acha uma tolice um moço branco andar se sujando com negras?
- Dona Inácia sorriu, conciliadora:
- Mas, minha filha, isso acontece com todos... Homem branco, no sertão - sempre saem essas histórias... Além disso, não é uma negra; é uma caboclinha clara...
- Pois eu acho uma falta de vergonha! E o Vicente, todo santinho, é pior do que os outros. A gente é morrendo e aprendendo! (QUEIROZ 2004, p. 66).

Coerente com seu papel a avó ainda tentou contornar a situação, afirmando que era natural e de se esperar, Conceição teria que se acostumar, nem que fosse à força, pois isso era normal desde que o mundo tornou-se mundo e ainda considerava os homens de hoje bem melhores que antigamente, mas a neta não hesitou e logo respondeu: “- Pois eu não! Morro e não me acostumo! É lá direito! Olhe, Mãe Nácia, eu podia gostar de uma pessoa como gostasse, mas sabendo duma história assim, não tinha santo que desse jeito!” (QUEIROZ, 2004, p. 66-67).

Esta, por sua vez, não esconde em momento algum o sentimento que nutre por Vicente, apesar do conflito que existe na personagem de querer e não querer o primo Vicente, ou deste não corresponder às suas exigências, uma vez que jamais tivera a oportunidade de estudar, ou conhecer obras literárias. No entanto, percebemos o quanto ela insiste em questioná-lo sobre um possível relacionamento que ele tivera com uma das filhas do Zé

Bernardo (homem que o ajudara a cuidar da fazenda), como observa-se no fragmento abaixo, no diálogo tenso entre Conceição e Vicente:

Conceição, olhando-o de frente, insistiu:
 – As filhas também são muito boas, não são? A Zefinha mormente...
 Ele, com o mesmo gesto inocente, confirmou:
 – Muito boa rapariga. É quem cuida de minha roupa.
 – É!... – E Conceição, furiosa com a incompreensão verdadeira ou fingida, e com o sossego dele, concentrou nesse “é” toda sua ironia despeitada.
 Mas não pôde ir mais longe por causa da presença da avó... Cínico, Cínico!
 (QUEIROZ, 2004, p. 81).

No trecho em destaque, percebe-se que Conceição não se deixou convencer com as respostas do primo, porém, não pôde ir além, devido à presença da avó, resumindo-se seu ódio e ciúmes e proferindo apenas “Cínico! Cínico!”. Conceição, aparentou não se importar com a preocupação que o primo revelou a respeito dela andar sozinha. Diante desse comportamento controlador e vigilante de Vicente, tornou-se explícito o preconceito social de que as mulheres são vítimas. Isso demonstrou que a mulher, na representação da personagem feminina em destaque, “a duras penas”, pouco a pouco conquistou sua emancipação e deixou de ser submissa aos caprichos impostos pela sociedade machista em que estava imersa.

Na narrativa, Conceição apareceu sempre solidária, disposta a ajudar os outros. Quando terminava seu trabalho na escola, como professora, seguia para o campo de concentração, onde se deparava com amargas situações de miséria e pobreza. O domínio do narrador de 3ª pessoa (onisciente) acompanhou de perto sua personagem, conforme mostram os trechos destacados, estabelecendo coerência com o princípio estético do Realismo: “Às vezes uma mão atalhava: - Dona, uma esmolinha... Ela tirava um níquel da bolsa e passava adiante, em passo ligeiro, fugindo da promiscuidade e do mau cheiro do acampamento.” (QUEIROZ, 2004, p. 61).

Vimos, assim, através dessa passagem da obra, o quanto a personagem Conceição é decidida e cautelosa, tanto na sua vida profissional, quanto pessoal, pois mesmo deixando transparecer seu amor por Vicente, ela não admitia em hipótese alguma que esse amor prevalecesse. Ela e o primo Vicente eram muito distintos, possuíam gostos, tendências e vidas opostas. Vicente tinha um olhar voltado para a terra, o cuidar do gado, o campo e jamais se interessaria em ler um livro; no máximo, ele lera as notas de gado. Enquanto ela tinha um pensamento mais amplo, direcionando seus olhos em busca de novos conhecimentos que contribuíssem para seu crescimento intelectual e pessoal. Pensando nisso, Conceição percebeu

o quanto o caso da “Zefinha Boa” lhe parecia mesquinho e sem importância, quando comparado com o futuro previsto entre os dois jovens.

Pensou no esquisito casal que seria o deles, quando à noite, nos serões da fazenda, ela sublinhasse num livro querido um pensamento feliz e quisesse repartir com alguém impressão recebida. Talvez Vicente levantasse a vista e lhe murmurasse um “é” distraído por detrás do jornal... Mas naturalmente a que distância e com quanta indiferença... Pensou que mesmo o encanto poderoso que a sadia fortaleza dele exercia nela, não preencheria a tremenda largura que os separava. (QUEIROZ, 2004, p. 85-86).

Aqui, por exemplo, é importante ressaltar a voz do narrador que, em sua onisciência, nesta passagem da narrativa, se utiliza do discurso indireto para dizer o que se passa pelos pensamentos da personagem. Assim, a personagem Conceição deixa explícito, através da voz que narra, que não queria um casamento nos padrões sociais da época, em que as mulheres tinham como perspectivas apenas a procriação e a submissão aos maridos. Porém ela não nega em momento algum seu desejo de ser mãe. Desse modo, mesmo a maternidade fora do casamento não sendo aceita pela sociedade, Conceição estava preparada e decidida a adotar uma criança, visto que ela estava redefinindo seu espaço e buscando se afastar da frustração e da solidão que poderiam acompanhá-la durante o passar dos anos, caso não exercesse a maternidade.

Assim, ainda que não tenha conseguido ser mãe biológica, Conceição alcança, no decorrer do romance, realizar seu desejo, tomando o afilhado Manoel como filho adotivo. Ao assumir o papel de mãe, tratou de cuidar da criança que se encontrava franzino, com fome e febre. Devido às suas escassas condições materiais de vida, procurou um médico para consultar a criança e medicá-la, para que obtivesse melhoras. Após quinze dias de angústias e cuidados, Manoel apresentou um quadro de melhora. Então Conceição radiante de olhares meigos e agradecidos, após a melhora significativa do Manoel, sentia-se como uma verdadeira mãe.

Segundo Barbosa, (1999, p. 40),

Conceição buscou alternativas para conquistar uma posição de sujeito, de indivíduo consciente de seu tempo e espaço, provando que uma mulher solteira pode ter uma vida produtiva, contestando a estereotipada categoria da solteirona que tem que submeter-se ao regime da casa paterna, dedicando seu tempo a costuras e bordados, ou ainda a cuidar da família.

Contestando a noção de amor, nos moldes convencionais, Conceição, pensa em se proteger e evitar uma decepção que culmine em um sofrimento amoroso, ao mesmo tempo em que vai quebrando regras de manutenção da continuidade do modelo tradicional de famílias. Embora seja dona de uma autonomia e liberdade de viver e exercer a maternidade, conforme sempre busca, ela não se considera uma pessoa que nasceu para viver feliz com um cônjuge, pois o amor, segundo ela, era muito difícil de encontrar, como vemos nesta citação:

Ora o amor!... Essa história de amor, absoluto e incoerente, é muito difícil de achar... eu, pelo menos nunca o vi... o que vejo por aí é um instinto de aproximação muito obscuro e tímido, a que a gente obedece conforme as conveniências... Aliás, não falo por mim... que eu, nem esse instinto... tenho a certeza de que nasci para viver só... (QUEIROZ, 2004, p. 156).

Essa solidão que perpassa a vida da jovem Conceição também se faz presente quando ela sente o vácuo da maternidade, ao ver que é impossível gerar em seu próprio ventre uma criança. Porém, esse sentimento tornou-se menor, e expandiu sua generosidade, quando Conceição lembrou todos os cuidados em noites de vigília, ao cuidar do afilhado, e consolada murmurava: “- Afinal, também posso dizer que criei um filho...” (QUEIROZ, 2004, p. 157).

3 TRAÇOS CARACTERÍSTICOS ENTRE A MULHER ATUAL E A PERSONAGEM CONCEIÇÃO

Falar da mulher, atualmente, torna-se desafiador, visto que as mulheres foram reprimidas e obrigadas a viver sob as ordens impostas pelo homem. Dessa forma, Barbosa (1999, p. 37), remetendo a Rocha-Coutinho, ressalta que “O espaço público (dos passeios, teatros e bailes), ‘aberto incondicionalmente aos homens, só era permitido à mulher em ocasiões especiais e, mesmo assim, ela deveria estar sempre acompanhada de um homem – o pai, o marido, o irmão, o padrinho’”. Essa imposição social, preponderante nos séculos anteriores, persistiu por longos tempos, de tal modo que, a mulher, no Brasil, não tinha o direito de exercer determinados papéis na sociedade; as poucas que tinham acesso à educação se deparavam com o ensino voltado para a formação de donas-de-casa, que estudavam apenas para leituras morais e religiosas ou escrita, quatro operações, gramática e prendas domésticas. Nessa perspectiva, Barbosa (1999, p. 35-36) afirma que:

A maioria das moças frequentava apenas o curso primário, cujas noções básicas de gramática, aritmética, trabalhos manuais e regras de comportamento eram suficientes para o desempenho do futuro papel de mãe e esposa, não havendo, por conseguinte, outras possibilidades de desenvolvimento pessoal. Poucas chegavam ao secundário e raríssimas ingressavam num curso superior.

Desse modo, a mulher, no Brasil, era regida pela ordem patriarcal e submetida ao pai e ao marido, que a silenciava em sua própria sociedade. Com esta submissão, as mulheres eram reduzidas à condição de um ser “frágil” e de “pouca inteligência”, limitando-se à função de “dona de casa”. Assim, todo o conhecimento que adquiria era fruto de suas próprias experiências de vida, restringindo-se, portanto, ao universo doméstico.

No decorrer do tempo, as mulheres aprofundaram suas leituras, e, depois de 1930, segundo ressalta Cristina Ferreira Pinto (1990, p. 39), “[...] registra-se pela primeira vez a entrada de um número significativo de mulheres brasileiras nas escolas superiores”. Assim, aos poucos foi sendo criada uma nova função social para a mulher, aceitando a ideia de que tivesse instrução superior, como também exercesse o direito ao voto. Muitas dessas mulheres passaram a exercer a função de educadora, favorecida pela valorização da instrução e emancipação feminina.

Conforme ressalta Amanda Oliveira Rabelo (2010, p. 7) no artigo intitulado *A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério*, esse processo de feminização do magistério acarretou sérias consequências, como vemos nos exemplos apresentados por esta autora: “atitudes preconceituosas como diferenças salariais, curriculares e o conceito de vocação, induzindo as mulheres à escolha de profissões menos valorizadas socialmente frente às profissões masculinas”.

Com a entrada de um número razoável de mulheres no ensino infantil, a quantidade de homens que lecionavam nessa fase do ensino regrediu, pois eles se distanciaram das salas de aula infantis e optaram por trabalhar em outras áreas de ensino ou assumindo cargos administrativos na educação. Dessa forma, a desvalorização da profissão aumentou, com a justificativa de que a mulher deveria ter o dom para o magistério e, assim, seu salário (que já era pequeno) poderia ser menor, uma vez que esse dinheiro não seria para sustentar a família, pois essa função seria atribuída ao homem.

Almeida considera que a profissão de professor, apesar de ter sido desvalorizada com a entrada das mulheres no magistério, continua sendo a profissão escolhida por muitas mulheres, pois apesar de tudo, gostam da profissão, têm amor por ela. E explica que, gostar da profissão não impede de lutar para melhorar as condições de exercê-la:

[...] se por um lado educar e ensinar é uma profissão, por outro lado, não há melhor meio de ensino e aprendizagem do que aquele que é exercido de um ser humano para outro, isso também é um ato de amor. E indo mais além, gostar desse trabalho, acreditar na educação e nela investir como indivíduo também se configura como um ato de paixão, a paixão pelo possível [...] Talvez resida aí a extrema ambiguidade do ato de ensinar e da presença das mulheres no magistério. (ALMEIDA, 1998, p. 76).

No decorrer do tempo, a sociedade foi aceitando a mulher nas suas mais diversas áreas, porém é notório que nos dias atuais ainda existam desigualdades sociais entre ambos os sexos. Mesmo adentrando no mercado de trabalho, nas lideranças de grandes empresas, a maioria das mulheres, atualmente, deixaram de ser meras donas-de-casa e passaram a ser não somente mãe, esposa, enfermeira, professora, como também, arquiteta, juíza, motorista de ônibus, bancária, entre outras profissões, ocupando um cenário que antes era característico da figura masculina, em que pese, ainda em nossos dias, muitas profissões estarem restritas aos homens.

Tomando as palavras de, Laís Paula Rodrigues de Oliveira (2014, p. 4) que ressalta:

No século XIX que os direitos das mulheres começaram a surgir de forma mais nítida, uma vez que muitas já faziam parte da força de trabalho empregada, ocupando o cenário industrial, inclusive na indústria têxtil. Muitas estavam incorporadas nas lutas trabalhistas, reivindicando seus direitos como trabalhadoras, inclusive em questões de opressão por gênero.

Observando essa luta na conquista de direitos, ressaltamos que as mesmas dificuldades da mulher ser inserida no mercado de trabalho na Europa, também ocorreram na literatura brasileira, principalmente na cultura impressa, quando constatamos que renomadas escritoras sofreram críticas ao escreverem romances apresentando seus pontos de vista. Exemplo disso é o que aconteceu com Rachel de Queiroz, que, ao escrever o seu primeiro livro, surpreendeu a todos por sua sagacidade enquanto romancista, mas logo foi questionada sobre a autoria.

Pinto (1990, p. 42) em seu comentário afirma que: “escrever como uma atividade séria era exclusiva do homem, enquanto a escritura feminina era vista como algo menos importante”. Esse tipo de comportamento negativo em relação à escrita feminina resultou em inúmeras críticas de autoras em suas obras.

Ainda sob o aparato de Pinto (1990, p. 42-43), destacamos:

Considera-se que Júlia Lopes de Almeida e Francisca Júlia representam um marco para a mulher no panorama da literatura nacional. Com suas obras, elas contribuíram para transformar, mesmo que só parcialmente, a atitude masculina em relação às mulheres como escritoras e participantes ativas da herança intelectual brasileira.

A partir dessa citação, podemos inferir que com essas duas escritoras inicia-se uma tradição da literatura feminina no Brasil, uma vez que anteriormente o índice de escritoras eram casos excepcionais. Após essa geração, e principalmente a partir da geração nascida nos primeiros dez anos deste século, e que começa a escrever na década de 30, ou atinge aí sua maturidade literária, a literatura feminina brasileira cresce significadamente em termos de qualidade e de número de escritoras e obras. Como exemplo disso, citamos Rachel de Queiroz, Clarice Lispector, Cecília Meireles, Lígia Fagundes Telles entre outras.

De modo geral, podemos inferir que o romance escrito por mulheres girava em torno da figura feminina e tratava de temas relacionados à mulher e suas experiências perante a sociedade.

No romance queirozeano em discussão, embora o tema principal que envolve a trama seja a seca, discutimos, também, a condição da mulher na sociedade, ou seja, o papel social da

mulher e os problemas enfrentados por seu posicionamento, que tem como traço característico a figura feminina da personagem Conceição, principalmente por ser uma mulher jovem, que poderia seguir as normas impostas pelo patriarcalismo vigente da época, mas preferiu exercer seu papel social, dedicando-se à profissão de professora. Ou seja, ainda que fosse uma profissão destinada a mulheres de poucos recursos, a personagem tornou-se independente, abrindo mão do casamento, e buscou uma formação, diferente das destinadas às mulheres daquela época, que viviam sob o domínio do regime patriarcal. Desse modo, podemos afirmar que as ações e tomadas de decisão da personagem Conceição apresentam traços característicos de uma mulher da atualidade.

Nesse sentido, Barbosa (1999, p. 21) ressalta que: “A ausência dos pais e a formação liberal sob a tutela do avô parecem ter sido fundamentais para a autonomia e poder de decisão da personagem”.

Analisando o comentário de Barbosa, podemos entender que, embora a figura dos pais não estivesse presente na formação e educação da personagem Conceição, seus avós suprimiram essa ausência, ensinando a jovem como trilhar um futuro promissor.

Traçar um paralelo entre a personagem feminina do romance e a mulher da atualidade é mostrar, em traços gerais, os desafios, as conquistas e a autonomia da mulher perante a sociedade da década de 1930, antes vista como a mulher do lar, que tinha como afazeres cuidar da casa, do marido e dos filhos. Contestando o que encontramos tanto na personagem do romance, como nas mulheres da atualidade, constatamos que são pessoas que se ocupam em construir um futuro melhor, buscam se aperfeiçoar nos estudos, adquirem trabalhos dignos e elevados, selecionam seus parceiros de acordo com o nível de exigências admitidas, mas em contrapartida, se afastam da maternidade, passando o dever de mãe para segundo plano. Somente após estabilizar-se no mercado de trabalho, estas mulheres buscam a maternidade, o que, conseqüentemente, acarreta num aumento da idade e diminuição do índice de fertilidade, ocasionando dificuldade para engravidar. E, quando consegue, o número de filhos é reduzido, resultando em número de um a no máximo dois.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com a leitura dos diversos textos e os questionamentos e discussões presentes nas obras trabalhadas, compreende-se que a década de 1930 foi de suma importância para a literatura brasileira. Marcado por conquistas, inovações e regionalismos, os romances nordestinos, ou romances de 30, como queiramos chamar, trouxeram para a narrativa de ficção o testemunho da realidade humana e a denúncia da marginalização do homem, no processo social brasileiro, bem como as lutas em favor da ideia de que a mulher possuísse direitos iguais na sociedade.

Em *O quinze*, romance da escritora Rachel de Queiroz, o qual foi nosso objeto de trabalho e fonte geradora de imensas discussões, temos personagens com propósitos e intenções que buscam representar a vida de pessoas comuns de sua época, (embora essa obra tenha sido escrita em 1930), que, viveram no sertão, e lutaram por melhores condições de vida, outras, contestaram pela igualdade de direitos, assim como espaço numa sociedade voltada para os interesses e costumes patriarcais.

A personagem Conceição é uma representação de mulher que busca espaço numa sociedade marcada pelo preconceito e pela desigualdade social. Embora trabalhasse e exercesse sua personalidade de mulher independente, era questionada sobre a maternidade e a construção familiar, costumes impostos pela sociedade patriarcal. Porém, Conceição não apresenta traços de instabilidade decorrentes de sua autonomia, pelo contrário, sua condição lhe possibilita decidir sobre o que realmente quer.

Portanto, ao lermos e discutirmos a obra *O quinze*, percebemos que, ao escolher seus personagens de ficção, a autora procura representar a vida e o sofrimento do povo sertanejo em busca de melhores condições de vida, como também, apresenta a busca incessante da mulher nesse processo de representação social, na década de 1930, demonstrando que a mulher, além de desenvolver atividades domésticas, também poderia exercer outras funções na sociedade.

É importante salientar que, este estudo não é uma conclusão a respeito da personagem Conceição, da obra *O quinze*, mas uma fonte de inspiração para outros acadêmicos que, ao lerem a obra, busquem inferir sobre temáticas da realidade que esta narrativa suscita, tecendo indagações sobre problemáticas sociais, assim como ampliem o desejo de desenvolver suas pesquisas nesta ou em outra área de estudo. Por fim, compreendemos que, em relação ao romance queirozeano, ainda há muito que ser explorado e exposto.

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, José Maurício de. **A tradição regionalista no romance brasileiro (1857-1945)**. 2. ed. Rio de Janeiro: Topbooks, 1999.
- BARBOSA, Maria de Lourdes Dias Leite. **Protagonistas de Rachel de Queiroz: Caminhos e Descaminhos**. Campinas, SP: Pontes, 1999.
- BOSI, Alfredo. **História concisa da literatura brasileira**. 43. ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- BUENO, Luís Gonçalves. **Uma História do Romance de 30**. UNICAMP. Campinas. São Paulo: Instituto de Estudos de Linguagem. 2001.
- BRAIT, Beth. **A personagem**. São Paulo, Ática, 2000. Série Princípios.
- CANDIDO, Antonio. et al. **A personagem de ficção**. São Paulo: Perspectiva, 2009.
- _____. **Iniciação à literatura brasileira**. 6. ed. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2010.
- _____. Literatura e subdesenvolvimento. **A educação pela noite & outros ensaios**. São Paulo: Ática, 1989. p. 140-162: Disponível em: <<http://dtllc.fflch.usp.br/sites/dtllc.fflch.usp.br/files/Candido%20%20Literatura%20e%20subdesenvolvimento.pdf>>. Acesso em: 20 mai. 2017.
- CASTELLO, Jose Aderaldo. **A Literatura Brasileira: origens e unidades (1500-1960)**. v. II – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2004.
- CATTAPAN, Júlio César Rodrigues. O quinze: contrastes e tensões. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**, Rio de Janeiro, n. 7, p. 1-16, 2010. Disponível em: <<http://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3910>>. Acesso em: 6 mar. 2017.
- COELHO, Nelly Novaes. et. al. **Feminino singular: a participação da mulher na literatura brasileira contemporânea**. SP: GRD; Rio Claro, SP: Arquivo Municipal, 1989.
- _____. **A literatura feminina no Brasil contemporâneo**. São Paulo: Siciliano, 1993.
- COUTINHO, Afrânio. **A literatura no Brasil**. Era modernista. 7. ed. São Paulo: Global, 2004, v. VI - p. 277-282.
- FRAGA, Rosidelma Pereira. Tradição e Inovação no Romance de 30: Uma perspectiva dialógica em A Bagaceira, de José Américo de Almeida. **Avepalavra**. Revista digital do curso de Letras. Goiás. ed. 12. Goiás. Universidade Federal de Goiás, 2011. Disponível em: <<https://www2.unemat.br/avepalavra/EDICOES/12/artigos/fraga.pdf>>. Acesso em 2 jan. 2017.
- FORSTER, Edward Morgan. **Aspectos do romance**. Tradução por Maria Helena Martins. 2. ed. São Paulo, Globo, 1998. Tradução de: Aspect of the novel.

GOMES, Carlos Magno. A aula de alteridade em O quinze. **Diadorim: Revista de Estudos Linguísticos e Literários**. n. 7. Rio de Janeiro: UFRJ, Programa de Pós-graduação em Letras vernáculas, 2010. Disponível em: <<https://revistas.ufrj.br/index.php/diadorim/article/view/3905/2883>>. Acesso em: 21 nov. 2016.

HOLLANDA, Heloisa Buarque de; et al. **Tendências e impasses** – O feminismo como crítica da cultura. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOLLANDA, Heloisa Buarque. **Rachel de Queiroz**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

INSTITUTO MOREIRA SALLES. **Rachel de Queiroz**. Entrevista em Cadernos de Literatura Brasileira. São Paulo: Instituto Moreira Salles, n. 4, set. 1997.

JOZEF, Bella. A mulher e o processo criador. In: COELHO, Nelly Novaes; et. al. **Feminino singular: a participação da mulher na literatura contemporânea**. SP: GRD; Rio Claro, SP: Arquivo Municipal, 1989. p. 43-59

LEITE, Ligia Chiappini Moraes. **O foco narrativo**. 5. ed. São Paulo: Ática, 1991.

LUCAS, Fábio. **O caráter social da ficção no Brasil**. 2. ed. São Paulo: Ática, 1987.

MOISÉS, Massaud. **História da literatura brasileira**. Modernismo. São Paulo: Cultrix, 2007. v. 3.

_____. **A literatura brasileira através de textos**. 26. ed. São Paulo: Cultrix, 2007.

MONTENEGRO, Pedro Paulo. O romance de 30 no Nordeste. In: SEMINÁRIO SOBRE O ROMANCE DE 30 NO NORDESTE. **O romance de 30 no Nordeste**. Fortaleza: Edições Universidade do Ceará; Proed, 1983. p. 13-18.

OLIVEIRA, Maria Eveuma de. et al. Rachel de Queiroz: Uma Mulher À Frente Do Seu Tempo. **Revista do Programa de Pós-Graduação em Crítica Cultural, A produção de autoria feminina**, Alagoinhas, BA. v. 2., n. 1, jan./jun. 2012. Disponível em: <www.poscritica.uneb.br> . Acesso em: 15 fev. 2017.

OLIVEIRA, Laís Paula Rodrigues de; CASSAB, Latif Antonia. O movimento feminista: algumas considerações bibliográficas. In: III SIMPÓSIO GÊNERO E POLÍTICAS PÚBLICAS, 3., 2014, Londrina. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <www.uel.br>. Acesso em: 08 jan. 2017.

PINTO, Cristina Ferreira. **O bildungsroman feminino: quatro exemplos brasileiros**. v. 233. São Paulo: Perspectiva, 1990.

PORTELLA, Eduardo. Literatura e revolução em 30. In: SEMINÁRIO SOBRE O ROMANCE DE 30 NO NORDESTE. **O romance de 30 no Nordeste**. Fortaleza: Edições Universidade do Ceará; Proed, 1983. p. 21-25.

QUEIROZ, Rachel de. **O quinze**. 74. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 2004.

RABELO, Amanda Oliveira; MARTINS, Antonio Maria. A mulher no magistério brasileiro: um histórico sobre a feminização do magistério. In: CONGRESSO LUSO-BRASILEIRO DE HISTÓRIA DA EDUCAÇÃO, 4., 2010, Uberlândia, MG. **Anais eletrônicos**. Disponível em: <<http://www.2.faced.ufu.br/colubhe06/anais/arquivos/556AmandaO.Rabelo.pdf>>. Acesso em: 01 jul. 2017.

RAMOS, Graciliano. **Linhas tortas**. 16. ed. Rio de Janeiro: São Paulo: Record, 1994.

SCHLECHT, Cristiane de V. **Olhares divergentes**: Rachel de Queiroz e Graciliano Ramos. 2010. 139 f. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2010. Disponível em: <www.repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/.../1/schlecht_CristianedeV_M.pdf>. Acesso em: 09 jan. 2017.

TELES, Gilberto Mendonça. A crítica e o romance de 30. In: SEMINÁRIO SOBRE O ROMANCE DE 30 NO NORDESTE. **O romance de 30 no Nordeste**. Fortaleza: Edições Universidade do Ceará; Proed, 1983. p.183-185.